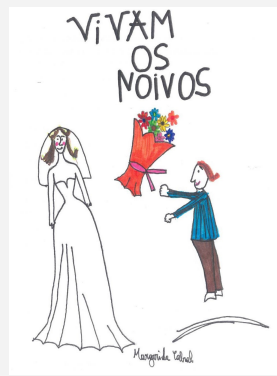
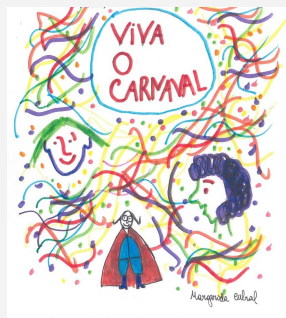


3 PEÇAS DE TEATRO INFANTIL + 1 PEÇA DE TEATRO JUVENIL

CARLOS CABRAL



BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



COLEÇÃO SEBENTAS

Instituto Politécnico de Lisboa

QUEM SOMOS

- A Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) é uma instituição de ensino superior público artístico com origem na primeira Escola de Teatro portuguesa, a Escola de Arte Dramática, depois Escola da Arte de Representar do Conservatório Nacional, fundada por Almeida Garrett em 1836. Desde 1971 integra a Escola de Cinema, hoje seu Departamento de Cinema. Em 1985, a ESTC foi integrada, com a Escola Superior de Música e a Escola Superior de Dança, no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL).
- A ESTC desenvolve o seu ensino visando a formação de profissionais altamente qualificados nas suas áreas, fomentando a investigação e a pesquisa, a experimentação e a criação artística, concretizando ou participando em projetos de desenvolvimento e prestando serviços à comunidade. Em 1998, transferiu-se do edifício da Rua dos Caetanos, em Lisboa, para o atual edifício, na Amadora, desenhado pelo arquiteto Manuel Salgado, coautor do Centro Cultural de Belém (CCB).
- Os seus dois Departamentos, dotados de autonomia pedagógica e científica, oferecem formações conducentes à obtenção dos graus académicos de Licenciado e de Mestre (1º e 2º ciclos do ensino superior), formações não conferentes de grau académico de Pós-Graduado de Especialização e participam, com a Universidade de Lisboa (UL), no Curso de Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento. A Licenciatura em Teatro oferece formações específicas nas áreas de Atores, Design de Cena e Produção. O Mestrado em Teatro oferece especializações em Artes Performativas, Design de Cena, Encenação, Produção e Teatro e Comunidade. A Pós-Graduação em Media & Performance oferece uma especialização em Laboratório de Tecnologia Criativa. A Licenciatura em Cinema oferece formação nas áreas de Argumento, Imagem, Montagem, Produção, Realização e Som. O Mestrado em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico oferece especializações nas áreas de Dramaturgia e Realização, Narrativas Cinematográficas e Tecnologias de Pós-Produção. A Pós-Graduação em Pós-Produção Digital em Cinema oferece uma formação especializada no âmbito da cadeia de procedimentos daquela área profissional.
- No âmbito da mobilidade internacional de discentes e docentes, a ESTC integra os programas Sócrates/Erasmus e promove acordos bilaterais e parcerias com instituições congéneres europeias e latino-americanas, designadamente argentinas, mexicanas e brasileiras. É membro de organizações internacionais das suas áreas de ensino: o International Theatre Institute (ITI)/ UNESCO, o Centre International de Liaison des Écoles de Cinéma et de Télévision (CILECT) e seu braço europeu Groupement Européen des Écoles de Cinéma et Télévision (GEECT), liderando atualmente o seu Departamento de Teatro o programa europeu École des Écoles.
- A Biblioteca da ESTC é detentora de um vasto acervo resultante de aquisições, doações e espólios de autores, incluindo bibliografia de notória relevância histórica relativa ao Teatro e ao Cinema, e, associada à editora *online* de acesso aberto - ESTC Edições - publica regularmente textos de apoio aos ensinamentos da Escola, resultantes de investigação aplicada de docentes e colaboradores próximos da instituição.
- Informações mais detalhadas sobre a ESTC em <www.estc.ipl.pt>; sobre a sua biblioteca, em <<https://www.estc.ipl.pt/biblioteca-estc>>.

**3 PEÇAS DE TEATRO INFANTIL
+
1 PEÇA DE TEATRO JUVENIL**

CARLOS CABRAL

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



COLEÇÃO SEBENTAS

Instituto Politécnico de Lisboa

Título | *3 peças de teatro infantil + 1 peça de teatro juvenil*

Autor | Carlos Cabral

Editor | Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa

Comissão editorial | Armando Nascimento Rosa e Fátima Chinita

Composição gráfica | Luísa Marques

Coleção Sebentas | série Dramaturgos Portugueses

1ª edição | 50 exemplares

Amadora | maio 2024

ISBN | 978-972-9370-41-0

e-mail | conselhobiblioteca@estc.ipl.pt



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-No Derivatives 4.0 International License.

https://wiki.creativecommons.org/wiki/CC_Affiliate_Network

Agradeço à MARGARIDA CABRAL
ter acedido a fazer as ilustrações para esta edição.

Dedico este livro à memória dos meus queridos colegas

Actores ANDRADE E SILVA

e

ANTÓNIO SEMEDO.

NOTA

Em 1990 foi elaborada a proposta de um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Esta proposta entrou em vigor a 13 de Maio de 2009. Contudo, só a 13 de Maio de 2015 as normas de tal Acordo foram tornadas obrigatórias em documentos oficiais dos países subscritores. O autor não escreve respeitando aquelas normas, até porque o que escreve não são documentos oficiais.

VENHAM DE LÁ ESSAS MÁSCARAS!

(Infantil)



Venham de lá essas máscaras foi escrita a pedido da Televisão estatal portuguesa e aí apresentada num Carnaval, em data que não foi possível identificar com precisão, mas seguramente na década de 1980-1990.

Foram intérpretes os actores Carlos Martins, António Semedo e Andrade e Silva, que foi também o autor das versões finais das canções inseridas na peça, escritas tendo por base os poemas de Carlos Cabral.

O texto que agora se publica foi revisto, a partir do original, em 2023.



O Actor Carlos Martins na figura do saloio Temudo Sisudo (1.ª fase: apresentação da figura). Foto pertencente ao arquivo particular do actor e por ele cedida gratuitamente.

JOÃO BRINCALHÃO e VENCESLAU MARAU entram em cena transportando um cesto onde guardam disfarces e brincadeiras carnavalescas. Cantam e dançam muito contentes:

Refrão

Carnaval! É Carnaval!
Quanto me vou divertir!
Pregar partidas, brincar,
rebentar de tanto rir.
Carnaval! É Carnaval!
Que quadra tão reinadia!
Se eu fizesse o calendário
todo o ano duraria.

Já comprei umas caraças
E muito pó de espirrar;
bisnagas e serpentinas
e bichas de rabião.
Algumas línguas de sogra,
dois quilos de papelinhos,
muitas bombinhas e estalos,
um saco cheio de saquinhos,

Refrão

Arranjei uns fatos giros,
um coco e um bengalão,
vestidos de matrafonas,
narizes com bigodão.

Uma gaita e uma roca,
e alguns pós de comichão;
uns vidrinhos malcheirosos,
e charutos com explosão.

Refrão

JOÃO BRINCALHÃO Amigo Venceslau Marau, chegou outra vez o Carnaval.

Levo o ano todo a esperar com impaciência estes três dias. a pensar como me hei de divertir da melhor maneira. Imagino tantas máscaras que quero vestir, tantas partidas que quero pregar, que nunca chego a fazer nem metade do que imaginei.

VENCESLAU MARAU Pois é, João Brincalhão. Para quem gosta, como nós, de se divertir, só três dias por ano para a reinação sabem a pouco. E por isso mesmo vamos aproveitá-los o melhor possível. Viva o Carnaval!

Os dois voltam a cantar e a dançar o Refrão da anterior canção.

Acabam por sair de cena pelo mesmo lado por onde entra TEMUDO SISUDO. É careca, com alguns tufos de cabelo aos lados da calva. Veste um fato tristonho que contrasta com os trajos garridos das duas figuras que acabaram de sair. Vem montado num triciclo no qual transporta também um cesto com os seus pertences.

TEMUDO SISUDO (*parando o triciclo e muito irritado*) Carnaval! Carnaval! É só o que ouço em qualquer sítio por onde passe! Todos muito contentes, a fazer muito barulho, só porque é Carnaval... A fazer muito barulho e a impedirem-me de trabalhar sossegadamente nos meus magníficos inventos! Será desnecessário lembrar que sou o mundialmente conhecido... e reconhecido! sábio inventor Temudo Sisudo, o sábio que dedicou toda uma vida a tentar

simplificar a vida dos seus semelhantes. Será também desnecessário lembrar alguns dos meus inventos, tão conhecidos e tão úteis eles são. Assim sendo, adeus ó vais-te embora! *(volta a pedalar no triciclo e afasta-se um pouco; pára)* Afinal, não resisto à tentação de vos dar a conhecer alguns dos meus mais recentes trabalhos. *(sai do triciclo e abre o cesto que transporta com ele; vai mostrando os objectos que descreve)* Temos, para começar, o “copo sem fundo”, utilíssimo para quem não gosta de beber água às refeições. É muito prático e de fácil utilização. Põe-se em cima da mesa *(tira do cesto uma pequena mesa, daquelas que se usam no campismo, um jarro com água e um banquinho; senta-se no banquinho)* Quando a uma pessoa não apetece beber água, não tem mais que deitá-la no copo *(executa; a água cai pelo fundo, que não existe)* levá-lo à boca *(executa)*... e pronto, já está! A seguir, para aqueles que não gostam de ter animais de estimação, a “coleira perde cão”. *(mostra uma coleira)* É, conforme podem verificar, uma coleira exactamente igual a todas as outras. Só que esta não tem trela. Nem tem trela nem nenhum sítio onde seja possível fixar uma. Quem não quer ter cão faz assim: começa por arranjar um, leva-o para casa, põe-lhe a “coleira perde cão” e vai à rua passear o animal. Ora, uma vez que há coleira, mas não há trela para segurá-lo, o cão foge e nunca mais ninguém o vê. Engenhoso, não é? Mas não ficamos por aqui... *(mostra um guarda-chuva encimado por um regador)* Aqueles que não gostam de se molhar a tomar banho têm à sua disposição este prático “equipamento para chuveiro seco”. *(abre o guarda-chuva e coloca-se debaixo dele; aciona a saída da água do regador e, evidentemente, não se molha)* Sequinho! Ou ainda o “chapéu sem copa” para quem gosta de usar chapéu, mas não prescinde também de apanhar sol na cabeça. *(coloca na cabeça apenas a aba dum chapéu)* Desculpem a imodéstia, mas por vezes dou comigo a pensar o que seria da comodidade das pessoas sem estas minhas

invenções. *(volta a colocar os objectos que mostrou dentro do cesto e fecha-o)* Ora, para se conseguirem estes grandiosos resultados, é necessária muita inteligência... quanto a isso não há problema, uma vez que inteligência tenho eu para dar e vender, não desfazendo! Mas também, e para além disso, nós, os sábios inventores, temos a necessidade de nos inserir em ambientes calmos e harmoniosos onde as nossas congeminações possam germinar e frutificar. Ora, onde é que se encontram ambientes calmos e harmoniosos nestes dias de Carnaval? Está bem, abelha! Esta gente mascarada, todos aos gritos e muito divertidos a fazer disparates, dá-me cabo da paciência... Basta de tanto sofrer! Este ano decidi ausentar-me, sair do planeta Terra durante estes diabólicos três dias. Construí um balão e uma barquinha e vou partir pelos céus fora sem destino. Pode ser que vá ter à Lua... ou a Marte, E espero bem que nesses lugares não se festeje o Carnaval! *(monta no triciclo)* Ontem à noite deixei por aí o balão, preparado para partir. Vou verificar se continua no mesmo sítio. *(afasta-se a pedalar até outro local da cena onde está uma barquinha suspensa dum balão: durante esse trajecto ouvimos fora, o Refrão da canção anterior; sai do triciclo e verifica o equipamento)* Tudo em ordem, graças a Deus! Vou equipar-me para a viagem. *(veste um fato esquisito: capacete, óculos, luvas, mochila, etc.; põe uma capa com os dizeres “Super Sisudo / Sábio Inventor”;* depois de vestido deve parecer que está mascarado) Tudo isto me faticou. Vou deitar-me um pouco a repousar para retemperar as forças. Ainda é muito cedo para iniciar a viagem. *(deita-se no chão, perto da barquinha do balão e adormece).*

Entram JOÃO BRINCALHÃO e VENCESLAU MARAU a dançar, cantando o Refrão da canção anterior.

JOÃO BRINCALHÃO Se calhar saímos muito cedo de casa para começar a brincar ao Carnaval. Ainda não encontramos ninguém mascarado.

VENCESLAU MARAU Será que as pessoas já não gostam de se divertir?

JOÃO BRINCALHÃO (*reparando no TEMUDO SISUDO*) Olha, olha, Venceslau Marau, um mascarado. E este caprichou no traje. Deve ir participar num concurso de máscaras.

VENCESLAU MARAU E o concurso é com certeza muito longe, uma vez que se deitou aqui a dormir antes da partida, para arranjar forças para a viagem. De que é que está mascarado?

JOÃO BRINCALHÃO Não sei... Mas, como tem um ar apatetado e aqui na capa está escrito “Super”... não consigo ler o resto..., é bem capaz de ser de Super Pateta.

VENCESLAU MARAU (*aponta para o balão*) E esta caranguejola aqui é o quê?

JOÃO BRINCALHÃO Talvez faça parte da máscara...

VENCESLAU MARAU (*aponta para o balão*) Esta parte aqui parece uma abóbora em ponto grande.

JOÃO BRINCALHÃO Espera lál! E se ele estiver a tentar construir um boneco? Um boneco... assim tipo ‘cabeçudo’? Esta bola que dizes parecer uma abóbora em ponto grande pode bem ser a base para a cabeça... Ah, grande folião! Grande companheiro para a reinação! É cá dos nossos! E se é cá dos nossos temos que dar-lhe uma ajuda. Isto é como diz o Carlos Cabral: temos que ser umas para as outras! Enquanto dorme vamos terminar o boneco. Verás como nos vai agradecer quando acordar.

Os dois vão buscar pincéis, tintas, cola, um escadote, etc.; pintam no balão de pano uma cara risonha; arranjam-lhe um cabelo de serpentinas; da base do balão e até ao chão, desdobram um pano onde está escrito “VIVA O REI CARNAVAL”.

JOÃO BRINCALHÃO Ficou ou não ficou uma beleza?

VENCESLAU MARAU Uma verdadeira obra prima!

JOÃO BRINCALHÃO Ai, como ele vai ficar contente! Isto deve ser um grande pândego. Um fulano que passa, como nós, o ano inteiro à espera que chegue o Carnaval para cair na farra.

VENCESLAU MARAU Vamos escolher umas máscaras para quando acordar podermos estar preparados para entrar com ele na reinação.

Dirigem-se ao cesto que continuam a transportar com eles e procuram disfarces.

VENCESLAU MARAU Vou mascarar-me de Lobo Mau.

JOÃO BRINCALHÃO E eu de Capuchinho Vermelho.

Procuram os disfarces dentro do cesto; põem caraças e os restantes elementos que identificam as figuras que escolheram. Cantam e dançam a segunda canção.

Sou o Lobo Mau
mas não faço mal.
Só quero brincar
todo o Carnaval.
Andar pelos bailes
sem ninguém topar.
Que, apesar de fera,
gosto de reinar.

Sou o Capuchinha
que, além da comida,
levo à minha avó
sempre uma partida.

Que seja inocente
e não dê cuidados
p'ra não ver a velha
feita em mil bocados.

Em tempo de festa
é triste saber
que anda p'raí gente
que nem se quer ver.
Viva o Carnavall
boa ocasião
para os inimigos
estenderem a mão.

Com o barulho TEMUDO acorda; os outros cantam e dançam à volta dele e tentam que TEMUDO entre na farra.

TEMUDO SISUDO O que é isto? O que é que está a acontecer? Quem são estes dois malucos? Mas que mal teria eu feito a Deus? Que mal teria feito a Deus o sábio inventor Temudo Sisudo, que detesta o Carnaval e só quer paz e sossego, para estar aqui a ser atormentado por estes demónios? (*repara no balão*) Ah! E o que fizeram ao meu balão! Deixa-me fugir o mais depressa possível! (*com um dos braços segura o cesto que contém os seus pertences e com o outro agarra o triciclo e corre para fora de cena*) Socorro! Socorro!

JOÃO BRINCALHÃO (*interrompendo a dança*) Ouviste, Venceslau Marau? Não era um folião. Diz que é um tal sábio inventor, de nome Temudo Sisudo, e que não gosta do Carnaval.

VENCESLAU MARAU Há pessoas muito esquisitas! Como é que alguém pode não gostar desta reinação, desta brincadeira? E agora?

JOÃO BRINCALHÃO Então, agora que esse fulano que julgávamos que ia brincar connosco, foi embora, brincamos sozinhos. Não tem a mesma graça, mas é só até aparecerem outros foliões que devem estar para aí a rebentar!

VENCESLAU MARAU Tive uma ideia: este Temudo Sisudo que daqui saiu diz que não gosta do Carnaval...

JOÃO BRINCALHÃO Diz, e daí?

VENCESLAU MARAU Daí que, se lhe apresentarmos outras pessoas que também não gostam do Carnaval, vai ficar todo contente.

JOÃO BRINCALHÃO Pois, penso que sim. Mas acontece que não conheço ninguém que não goste do Carnaval para lhe poder apresentar essa pessoa.

VENCESLAU MARAU Nem eu. Mas se uma coisa não existe pode sempre ser inventada.

JOÃO BRICALHÃO Não estou a entender...

VENCESLAU MARAU Disfarçamo-nos de duas velhinhas que detestam o Carnaval e vamos à procura dele. Quando o encontrarmos, basta pôr à prova a nossa inventiva e a nossa graciosidade.

JOÃO BRINCALHÃO Rica ideia, amigo Venceslau!

VENCESLAU MARAU Ora então, venham de lá essas máscaras!

Utilizando elementos do cesto que transportam com eles fantasiam-se de velhinhas: saias, corpetes, cabeleiras brancas, chapelinhos, etc.; depois de arranjadas devem ficar tipo matrafonas do Carnaval de Torres Vedras.

JOÃO BRINCALHÃO e VENCESLAU MARAU cantam e dançam a terceira canção.

Refrão

Somos avozinhas
muito carinhosas
e ainda frescas
como duas rosas.

Passamos os dias
sempre a trabalhar;
por isso nos chamam
abelhas do lar.

Eu cozinho muito bem,
faço bolos divinais,
rebuçados e compotas
que são de chorar por mais.

Eu gosto mais da costura,
de passajar e coser.
Não há nada, mesmo nada
que eu não saiba fazer.

Refrão

Em bordados, podem crer,
sou melhor que a minha mana;
Sei 'ajour', 'ponto de cruz',
'richelieu' e 'viana'.

Eu sou boa a fazer malhas
e a fazer rendas também.
Estou certa que saí

tal e qual a minha mãe.

Refrão

JOÃO BRINCALHÃO (*apontando para o bastidor dum dos lados da cena*) Lá vem o nosso homem.

TEMUDO SISUDO entra em cena, de novo montado no triciclo; já não carrega com ele o cesto com os seus pertences; mal está a entrar em cena.

JOÃO BRINCALHÃO Ai, mana, que ainda não estou em mim!

VENCESLAU MARAU Eu nem quero que me lembre, mana! Nem quero que me lembre!

JOÃO BRINCALHÃO Estas brincadeiras de Carnaval... que disparate! Que brutalidade! Nem sei como é que pode haver pessoas que gostem desta época do ano...

VENCESLAU MARAU Gente sem educação, mana! Gente sem miolo!

TEMUDO SISUDO, no seu triciclo, chegou ao centro da cena; as duas vão colocar-se de joelhos a seu lado; erguem para ele as mãos, suplicando.

JOÃO BRINCALHÃO Salve-nos, meu bom senhor! Proteja-nos!

VENCESLAU MARAU Proteja-nos, meu bom senhor!

TEMUDO SISUDO Desde já me declaro ao vosso inteiro dispor.

JOÃO BRINCALHÃO Ai que sorte, mana, que sorte! Mal o vi chegar logo me palpitou que um cavalheiro tão distinto não poderia ser um apreciador do Carnaval.

TEMUDO SISUDO Nem pensar, minhas senhoras! Nem pensar! Mas permitam que me apresente. *(sai do triciclo e faz uma vénia, tirando o capacete)*
Temudo Sisudo, sábio inventor, para as servir.

JOÃO BRINCALHÃO e VENCESLAU MARAU *(levantam-se e fazem vénia)*
Encantadas.

JOÃO BRINCALHÃO Eu sou a Joana Bricalhana e a minha irmã é a Venceslona Marona.

TEMUDO SISUDO Muito prazer. Apelidos estranhos....

VENCESLAU MARAU São. É porque a nossa mãe era espanhola.

TEMUDO SISUDO Compreendo. E por que é que estavam a lamentar-se quando aqui cheguei?

JOÃO BRINCALHÃO Ai, mana, nem quero que me lembre! Nem quero que me lembre!

TEMUDO SISUDO Contem... contem.

VENCESLAU MARAU Da melhor vontade, mas então vai ser nosso convidado para o chá.

TEMUDO SISUDO Agradecido. Mas não queria estar a incomodar...

VENCESLAU MARAU Não incomoda nada! Enquanto a minha mana vai ali à cozinha preparar o chá eu, se permite, aproveito para pôr a mesa *(vai ao cesto de verga e volta com uma toalha aos quadrados que coloca no chão; traz ainda três chávenas de chá com pires e colheres e dois pratos com “bolos de creme”;* *senta-se no chão, a um dos lados da toalha)* O cavalheiro vai ficar entre nós as duas. Aí no topo da mesa. *(TEMUDO SISUDO executa)*

JOÃO BRINCALHÃO *(regressando da cesta com um bule e um “ramo de flores”)* Faço votos para que esteja a seu gosto. *(senta-se no lugar do outro lado de TEMUDO SISUDO e coloca o bule sobre a toalha)* Vamos deixá-lo abrir mais um bocadinho.

Pois os nossos netos, quando chega o Carnaval, perdem positivamente o juízo. Hoje, logo de manhã, começaram a arreliar-nos.

VENCESLAU MARAU Foi. Imagine que nos ofereceram esse ramo de flores.

Nós, na nossa boa fé, agradecemos a gentileza e cheirámos... Não podíamos imaginar o que iria acontecer a seguir... Mas cheire, cheire.

TEMUDO SISUDO cheira o ramo e recebe na cara um enorme jato de água; todo encharcado, tenta limpar-se com a toalha.

VENCESLAU MARAU Ora diga-me lá se isto são propósitos de dois meninos educados e tementes a Deus...

JOÃO BRINCALHÃO E desta vez tivemos sorte! Porque no ano passado, recorda-se mana? *(vai buscar um cartucho de farinha)* depois de nos terem molhado da cabeça aos pés, ainda nos deitaram em cima um saco de farinha *(executa em TEMUDO, com o cartucho que trouxe com ela)* Ai, foi tão desagradável, mana, tão desagradável!

VENCESLAU MARAU Fiquei numa fúria, só me apetecia pegar num bolo de creme e esfregar-lho na cara. *(segura num dos pratos de “bolo” que levaram para a toalha e esfrega-o na cara de TEMUDO)* Assim! Assim!

JOÃO BRINCALHÃO Foi o que aconteceu comigo! O que travou o meu justo desejo de vingança foi a excelente educação que recebemos dos nossos paizinhos, se não fosse isso, o que eu teria feito era pegar num bolo de creme e esfregar-lho na cara, *(segura no segundo prato de “bolo” que está sobre a toalha e esfrega-o na cara de TEMUDO)*... assim! Assim!

VENCESLAU MARAU *(olhando para TEMUDO)* Ai, mana, que parece que nos excedemos nas nossas explicações... Coitado do senhor. Mas tudo tem remédio, mana. Vou buscar com que limpar este senhor. *(sai de cena e regressa*

com dois baldes de água e duas esfregonas: as duas despejam os baldes de água pela cabeça abaixo de TEMUDO e correm atrás dele com as esfregonas; TEMUDO foge de cena, carregando o triciclo)

TEMUDO SISUDO Socorro! Socorro que está tudo doido!

JOÃO BRINCALHÃO e VENCESLAU MARAU cantam o Refrão da anterior canção.

VENCESLAU MARAU E agora, os mestres do disfarce vão mudar de pele.

JOÃO BRINCALHÃO Tiveste outra ideia?

VENCESLAU MARAU É como dizes! Este Temudo já não me escapa! *(começa a procurar no cesto um fato de Polícia de Trânsito)*

JOÃO BRINCALHÃO De que é que estás a mascarar-te?

VENCESLAU MARAU De Polícia de Trânsito.

JOÃO BRINCALHÃO Também tenho uma ideia... *(veste-se de Enfermeiro)* Isto é para o que der e vier...

TEMUDO SISUDO reentra em cena montado no seu triciclo.

VENCESLAU MARAU sopra no apito e corre para TEMUDO.

VENCESLAU MARAU Encoste aí na berma, o senhor não me ouviu apitar?

TEMUDO SISUDO Desculpe, Senhor Agente... Se calhar vinha distraído.

VENCESLAU MARAU Vinha então distraído?! Isso é grave! É perigosíssimo! Tem os documentos em ordem?

TEMUDO SISUDO Quais documentos?

VENCESLAU MARAU A carta de condução.

TEMUDO SISUDO A carta de condução?! Mas então é preciso ter carta de condução para guiar um triciclo?

VENCESLAU MARAU Pois com certeza. Ah, não sabia! E, uma vez que não sabia anda a conduzir sem carta. E numa linda figura, não haja dúvida! O senhor, com os óculos todos cheios dessa porcaria, não deve poder ver nada do que se passa na estrada à sua volta. Vou ter que multá-lo.

TEMUDO SISUDO Mas por quê?

VENCESLAU MARAU Condução perigosa e sem documentos, não acatamento dos sinais das Agentes da Autoridade, e... (*cheira a cara de TEMUDO*) cheira-me a álcool. Cheira, cheira, a vinho do Porto.

TEMUDO SISUDO É do bolo. Era bolo de natas e vinho do Porto.

VENCESLAU MARAU Não se canse a arranjar desculpas. O melhor para si é começar a confessar os seus crimes, e desde já.

TEMUDO SISUDO Crimes? Mas quais crimes?

VENCESLAU MARAU Os seus! Ou o senhor acha normal esta situação?

TEMUDO SISUDO Pois... talvez... talvez, pensando melhor... Pois é capaz de ser uma situação um bocadinho... como dizer?

VENCESLAU MARAU Delituosa!

TEMUDO SISUDO Não, não! Delituosa não. Eu posso explicar tudo.

VENCESLAU MARAU Faça favor.

TEMUDO SISUDO Bom... é muito simples: quando me preparava para partir para a Lua... ou talvez para Marte, quem sabe? Estamos sempre dependentes das correntes atmosféricas, não é verdade? Ora foi quando me deitei um bocadinho a descansar e adormeci que apareceu o Lobo Mau e o Capuchinho Vermelho, que começaram a implicar comigo... e fugi. Fugi e encontrei duas manas velhotas que se comportaram de tal modo que eu pensei que teriam fugido do manicómio.

VENCESLAU MARAU Começo a entender. Mas o que começo também a entender é que quem fugiu do manicómio foi o senhor. Não se preocupe porque vou já pôr ordem nisto. E vai ver que, como costuma dizer-se, o bom filho à casa torna, comigo é parecido... comigo, o bom maluco volta sempre para o manicómio. *(sopra no apito)*

Aparece JOÃO BRINCALHÃO, mascarado de Enfermeiro; começa a correr atrás de TEMUDO SISUDO para o agarrar; TEMUDO consegue chegar junto do balão e subir para a barquinha; recolhe a âncora e o balão começa a elevar-se nos ares.

TEMUDO SISUDO Deixa-me fugir enquanto é tempo!

JOÃO BRINCALHÃO e TEMUDO SISUDO ficam a dizer-lhe adeus. Em fundo ouvimos o Refrão da primeira canção. Agora apenas a melodia.

O QUE QUERO SER QUANDO FOR GRANDE

(Infantil)



Peça didática infantil, original de Carlos Cabral, subordinada ao tema das Profissões, escrita em 2014 e revista em 2023.

Única figura em cena: o ACTOR.

ACTOR Quando eu era pequenino,
muito querido e tão fofinho,
um menino como vós,
dizia com os meus botões:
“Que serei quando for grande?
Que profissão vou seguir?”

Por falar nas profissões
das gentes cá da família,
meu pai atende ao balcão,
vende tecidos a oito.

Para isso tem ele jeito:
“Veja bem, minha Senhora,
o toque deste tecido. E a cor?
Que maravilha! Quanto ao preço,
uma agradável surpresa!
Vai levar a peça toda?”

Minha mãe é Professora.
Gosta de ensinar meninos,
assim tal qual como vós.
Quer que, ao chegarem a grandes,

sejam homens a valer.
E mulheres, está bem de ver.
Que todos juntos saibamos
construir um mundo novo,
cheio de paz e de amor,
onde o viver tem mais gosto.

São precisos Carpinteiros,
Bate-chapas, Cozinheiros,
Polícias e Agricultores,
Homens do Talho, Doutores,
Advogados e Artistas
e também os Motoristas
que nos levam para casa
nos seus táxis confortáveis
e perguntam no final
da corrida que pedimos
“Podemos ficar aqui?
São cinco euros e trinta”,
ou outra importância qualquer.

E pagamos e saímos.
Ficamos a olhar o mundo
e a pensar “Se nós quisermos,
se todos, todos quisermos,
faremos da nossa Terra
um local muito bonito
onde apeteça viver”.

Temos de contribuir,
cada qual ao nosso modo,
cada um fazendo o que sabe
para que o mundo não acabe.

E pensava cá comigo:
“Quero também contribuir
para essa ideia tão linda;
mas se sou tão novo ainda
como posso já saber,
que serei quando for grande,
que profissão vou seguir?”

Uma vez pelo Natal
meu avô levou-me ao circo.
Era o Circo Cardinal.
E eu fiquei maravilhado
com tudo aquilo: atrações
de ficar estarecido,
de quase não acreditar
ser possível o que via.

Na tenda grande, esticada,
acendem-se os projectores
e entra o Apresentador
a anunciar o programa.

Música de Circo; uma marcha; instantes depois pára a música e entra o ACTOR, agora na pele de Apresentador do Circo.

Senhoras e Senhores, Meninas e Meninos, respeitável público, bem vindos àquele que é por muitos considerado o maior espectáculo do mundo: o Circo. E, para dar início ao nosso grandioso desfile de atrações, convosco, na cúpula, à maior altura, a “troupe” de trapezistas voadores brasileiros Léotar.

Rufar de tambores; depois, a música do número, muito provavelmente uma valsa.

E eles voavam pelos ares,
como se pássaros fossem,
de trapézio para trapézio,
desafiando a gravidade.
Em baixo, o público olhava,
de coração apertado,
não fosse uma mão falhar
e acontecer o acidente.
Mas tudo acabou em bem
e os Artistas, já na pista,
recebem os aplausos
da plateia contente.

A música do número pára. Aplausos. O ACTOR volta a assumir a pele de Apresentador do Circo.

E, em continuação do nosso programa, convosco, miss Vladimira e os seus seis imponentes leões brancos da Abissínia.

Rufar de tambores; depois a música do número da domadora.

Para a grande jaula montada

na pista, bem lá no centro,
foram entrando os leões
com ar de poucos amigos.
Olhavam os espectadores
através das grossas grades
e rugiam mui ferozes
com raiva, rangendo os dentes.
Nisto entrou a domadora,
a tal miss Vladimira,
e a bicharada calou-se
a olhá-la com respeito.
E às ordens daquela moça
fizeram tudo o que quis,
como se fossem gatinhos:
apoiavam-se nas patas
de trás, com o maior aprumo,
saltavam arcos de fumo
e rebolavam pelo chão.
Depois, lá foram para dentro.
E a domadora recebe
aplausos pelo evento.

Música do número e aplausos. O ACTOR volta a ocupar o lugar de Apresentador do Circo.

E agora, Senhoras e Senhores, Meninas e Meninos, na pista do grande Circo
Cardinal, Segismundo, o Rei da Magia.

Era um sujeito magrinho,
muito alto, transparente,
que olhava a gente de frente.
Começa por apresentar
uma bengala que roda
e que faz desaparecer.
Depois segura a cartola,
mete a mão lá dentro e tira
uma pomba que já gira
a esvoaçar pelo ar.
Das orelhas tira ramos
de flores, que oferece às senhoras.
Aos homens pergunta as horas,
mas roubou-lhes o relógio.
E os desgraçados procuram
nos bolsos e em todo o lado
até que vai aparecer,
está-se a ver! Tinha que ser!
no pulso do Grande Mago.
Adivinha o mês e o dia
do aniversário da gente
e, ainda não contente
com toda aquela magia,
transforma coelhos em rolas
e fá-las desaparecer.

Aplausos.

E as atrações continuam
a suceder-se em cascata.
Ele é “A jibóia que mata”,
ele são “Os antipodistas”
ou “Os ursos motociclistas”
e todos os mais Artistas.

Até que surge o momento
por todos tão esperado.

O ACTOR, agora como Apresentador do Circo.

Senhoras e Senhores. Meninas e Meninas, a fechar o nosso espectáculo, a alegria do Circo: os Palhaços. Convosco os parodistas musicais internacionais Troupe Eleutério, Totó Lesma e Companhia.

Música alegre do número dos Palhaços.

E já eles estão na pista
fazendo mil cabriolas,
dando saltos, cambalhotas,
mortais para a frente e para trás.
O que tem a cara branca
quer sempre mandar nos outros,
nos dos narizes redondos,
vermelhos até mais não.
Se um destes se quer sentar
logo outro tira a cadeira
e o coitado cai no chão.

Mas é tudo brincadeira,
aquilo é tudo a fingir.
E as quedas aparatosas,
a que se chama ‘palhaças’
pois são quedas de Palhaços
servem só para fazer rir.
E a pequenada rebola
na cadeira, à gargalhada.
Divertem-se até mais não.
E há até quem tenha medo,
digo-vos isto em segredo,
de fazer “xi-xi” no chão.

Marcha do Circo. Uns instantes e pára.

Ser do Circo é uma bela profissão.

E decidi que sabia
finalmente o que seria
quando fosse grande um dia.
“Sei muito bem o que faço:
o que eu quero é ser palhaço!”
Chego a casa e logo, logo
vou começar a treinar.
Mas isto quando se quer
fazer o que se não sabe
dá sempre mau resultado.
Depois duma cambalhota

tento um mortal empranchado,
mas vão ver o resultado:
enfio um pé na carpete,
dou um grande estenderete,
caio redondo no chão.

“Ai que dor! Ai que aflição!”

“Mas que tens tu, filho meu?”

“Ai que grande dor me deu!”

“Levanta-te e anda cá.”

“Não posso sair daqui!

Não consigo levantar-me!”

“Terás a perna partida?”

“Decerto que é isso, Mãe.”

Minha mãe chamou o INEM

que chegou todo apressado:

‘tinóni’ e ‘tinóni’,

atenção, estamos aqui!

Som da sirene da ambulância a chegar.

“Onde é que está o doente?”

“Ali, deitado na cama.”

“E então, como foi isso?”

“Quis fingir que era palhaço
e quis dar uma ‘palhaça’.

Escorregou na carpete,

ficou estendido no chão.”

“Vamos já tratar do caso”
diz o enfermeiro, solícito.
“Venha a maca, logo, logo
para este petiz que é tolo.
Sem saber como se faz
ele quis dar uma ‘palhaça’
e vai, partiu uma perna.
Saberás tu, meu rapaz,
que isto de fazer rir
na tenda grande do Circo
não é para qualquer um.
Há que treinar a valer.
Primeiro há que aprender
a coisa como se faz,
com alguém já com experiência
que nos ensine a ciência
da arte que queremos ter.
Se não for assim é nada
e arriscamo-nos a ficar
com dores e sem paciência
com uma perna quebrada.
Bom, mas basta de conversa.
Vamos levar-te ao hospital,
que lá tratarão de ti.
Para que não tenhas dores.
vamos dar-te uma ‘piquinha’.

Não te assustes, pequenina.
É para ficares melhor
durante a viagem toda.”

E deram-me uma injeção
e deitaram-me na maca.
E depois para a ambulância
que já lá vai a apitar
para os carros ultrapassar
para poder chegar mais cedo.
Eu estava cheio de medo
mas não havia razão
porque estava em boas mãos.

Ser Enfermeiro é uma bela profissão.

Volta a ouvir-se a sirene da ambulância.

Chegados ao hospital
o Doutor vem de corrida
“Ah, uma perna partida!
Depressa, vamos pôr gesso.”
Tratam muito bem de mim
e esse cuidado agradeço.

Depois de tudo acabado
dão-me umas ‘canadianas’
para poder andar melhor.
E lá volto para casa,

a descansar quanto posso,
tentando não fazer esforço
sobre o pé que está magoado.

O Médico foi bem simpático.
E sabedor... vê-se logo
do que faz! É a experiência
junta com muita ciência,
e o querer ajudar quem sofre.
Já ouvi muitos a dizer,
e agora dou-lhes razão.

Ser Médico é uma bela profissão.

E depois desta aventura
que meteu perna partida,
sobre ela fiz uma jura
e deitei contas à vida.
Gostava de ser Palhaço,
gostava de fazer rir
na pista grande do Circo
debaixo dos projectores,
banhado pelas muitas cores
no alto sempre a bulir.
Mas lembrei-me do Enfermeiro
e do seu dizer tão sábio.

O texto seguinte deverá ser transmitido em gravação, algo distorcida, a partir daquele que foi anteriormente dito pelo ACTOR em cena.

“Saberás tu, meu rapaz,
que isto de fazer rir
na pista grande do Circo
não é para qualquer um.
Há que treinar a valer.
Primeiro há que aprender
a coisa como se faz
com alguém já com experiência
que nos ensine a ciência
da arte que queremos ter.
Se não for assim, é nada.
E arriscamo-nos a ficar
com dores e sem paciência,
com uma perna quebrada.”

Gostava de ser Palhaço mas resolvi desistir.

Moramos numa praceta,
com árvores altas, esguias.
Uma vez, volto da escola,
tal como nos outros dias,
e vejo, parado em frente
da nossa porta, vermelho,
um daqueles carros que usam
os bombeiros, e três ou quatro,
de capacetes dourados,
com os narizes levantados,
a olhar muito para cima.

“Deve ser algum incêndio”
penso eu, e logo, logo,
se bem que não veja fogo,
entro em casa a perguntar
a minha mãe o motivo
para aquele ajuntamento
“Não é incêndio nenhum”
“Mas então que fazem eles,
todos de nariz no ar
como que a olhar para o boneco?”
“Não é boneco, é o Tareco.”
“Tareco? Quem vem a ser?”
“É o gato da vizinha
que mora aqui mesmo em cima.
Encontrou a porta aberta,
quis dar uma passeata
e foi até à praceta
para se aquecer ao sol.
Mas eis que surge, atrevido,
um cãozarrão destemido
e pôs-se a assustar o gato.
O bichano, coitadito
pensa como há de fugir
e resolve então subir
o tronco daquela árvore.”
“Mas então por que não desce,

se o cão já se foi embora?”

“Isso aí é outra história.

Subir sobem os gatos bem,

mas descer é mais difícil.

Ficam transidos de medo

lá em cima, a olhar o chão,

e a pensar no trambolhão

que podem dar se caírem.”

“E estes bombeiros, então,
que aqui estão, que vão fazer?”

“Vão resgatar o Tareco.

Vão estender uma escada

que se chama ‘magirus’

e é um invento de truz.

Depois, um deles vai subir

pela escada até à copa

da árvore onde se esconde

o pobre do bichaninho.

“E se o Tareco o arranha?”

“Não arranha porque ele leva

capacete com viseira

e luvas grossas calçadas

para evitar as unhas.”

E fomos para a janela

para assistir ao salvamento.

Tinha-se juntado gente,

curiosa como nós
em contemplar o evento.
E o bombeiro conseguiu
lá em cima agarrar o gato
e trazê-lo para baixo
para o entregar à dona.
O povo batia palmas.
E a dona, de comovida
com aquela acção destemida
foi abraçar o valente.
Encarou-o bem de frente
e diante de toda a gente
deu-lhe dois beijos nas faces.
Fiquei a pensar então:

Ser Bombeiro é uma bela profissão.

Não só apagam incêndios
e vão acudir às cheias
como, ao fim de tantos tratos,
sempre a ajudar quem precisa,
ainda arranjam energia
para andar a salvar gatos.

Num verão, tinha eu dez anos,
meu avô veio falar-me.
Ele queria perguntar-me
se me agradava a ideia

de irmos os dois estrada fora,
para descansar da cidade.
“Que dizes de ir ao campo
fazer uma passeata
e ficar por lá uns dias?
Íamos ver a Mimosa.”
“Mimosa? Não sei quem seja...”
“A Mimosa é uma vaca
da tua tia Matilde,
que é irmã da tua mãe.
Animal inteligente!
Tem manchas brancas e pretas.
Parece que conhece a gente
e é meiguinha até mais não.
Há por lá muito mais vacas,
mas como aquela, nenhuma.
A Matilde diz-me sempre,
se estamos a conversar,
que a Mimosa é tão esperta
que só lhe falta falar.”
“E a minha tia, o que faz?
Trata de vacas? É isso?”
“A Matilde é agricultora
numa grande propriedade
que explora com o marido,
o Zé Manuel Piedade,

um excelente gestor.”
“Então, para além de vacas...”

“...criam porcos e galinhas,
cabritos e ovelhinhas,
e cordeirinhos também.

Eu sei lá o que lá têm!”
Respondo logo que sim,
que quero ir sem demora
com o meu avô ver a quinta
da minha tia Matilde,

E quando chegou a hora
de subir para o autocarro
ia todo entusiasmado
com mais aquela aventura.

Na viagem vi passar
pela janela a meu lado
paisagens encantadoras:
ele era um rio distante,
de águas claras e límpidas,
ou então árvores de fruto,
campos verdes de cultivo,
campos de trigo amarelo
e por vezes, a pastar,
uns rebanhos de carneiros,
sempre guardados pelo cão,
para impedi-los de fugir.

O autocarro dava voltas
pelas estradas secundárias,
Víamos casas, casebres,
um forno de cozer pão
e algumas vezes cruzámos
uma ou outra povoação.

Chegámos à exploração
da minha tia Matilde
e do tal Manuel Piedade
já quase a acabar o dia.

E digo-vos de verdade
que estava muito cansado
da viagem e com fome.

O que eu queria era comer
e depois adormecer
num sono reparador.

Minha tia preparara
para o jantar uma tarte
de cebola com presunto.

Comemos que nos fartámos
e no fim fomos para os quartos
para retemperar as forças.

No dia seguinte, cedo,
levantámo-nos e fomos,
sempre com a tia Matilde,
visitar a exploração.

Eu estava maravilhado!
Vi as hortas e os pomares,
com muita gente a apanhar
os frutos, para enviar
para as lojas da cidade.
Vi a sala da ordenha
onde tiram leite às vacas
para fazer manteiga e queijo,
mas o meu maior desejo
era ver a tal Mimosa,
a vaca prodigiosa
no dizer do meu avô.
“Vamos vê-la de seguida”
informa a tia Matilde
“neste momento anda ela
com a nossa vaca Amarela
de quem se tornou amiga
no prado a comer ervinhas.
Vamos ao prado e bem vemos
a Amarela a retouçar.
Mas que é feito da Mimosa?
Procuramos, procuramos
por aqui e por ali,
vamos à eira, ao celeiro,
buscamos por todo o lado.
Por fim descemos ao rio

que corre ao fundo da quinta
e lá no meio, contente,
está a Mimosa a banhar-se.
Mal vê aparecer a dona
sai da água e, às corridas,
vai dar-lhe umas marraditas.
E não contente com isto
lambe-lhe a cara e muge.
Minha tia ri, contente,
e o meu avô “É ou não
uma vaca inteligente?”

No autocarro, no regresso,
penso em tudo quanto vi:
que bom é viver no campo!
Também gosto da cidade...
Mas seja num sítio ou noutra
o que é necessário é querer
tentar melhorar o mundo,
cada um contribuir
com o que sabe fazer
para sermos felizes todos.
Penso na tia Matilde,
nos cordeiros e no cão,
nas galinhas e nos patos
e chego a esta conclusão:

Ser agricultor é uma bela profissão.

Pausa. A luz de cena muda.

VOZ GRAVADA E agora, Meninas e Meninos, vamos dar início a mais uma sessão do nosso concurso “Adivinha qual é a profissão”.

Ouvimos a música que introduz o concurso. A música pára.

ACTOR (*agora no papel de apresentador do concurso*) Eis chegado o momento de apresentar o concurso “Adivinha qual é a profissão”. E vamos começar por explicar-vos as regras do jogo: temos um cesto de basquetebol (*indica um lugar do palco onde foi previamente montado o cesto*) e uma bola (*mostra-a*). Para além disso, seis envelopes, numerados de 1 a 6 (*mostra os envelopes*). Dentro de cada envelope está uma frase que é uma pista para descobrir qual é a profissão escondida. Aqueles que quiserem participar vêm aqui buscar a bola e tentam encestar. Se conseguirem, escolhem um envelope, abrem-no, leem a frase e dão o seu palpite acerca de qual é a profissão que está escondida. Logo que alguém acerte, o jogo acaba.

O apresentador conduz o jogo. Evidentemente que este pode evoluir de diversos modos: ou a profissão é adivinhada logo no início, ou a meio do jogo ou não é adivinhada. Seja como for, a palavra “polícia” acabará por ser pronunciada. A partir desse momento, o apresentador conclui o concurso.

ACTOR (*como apresentador*) Polícia! Mais exactamente, Agente da Polícia. Pois o Agente da Polícia é um elemento importante para manter o equilíbrio da nossa sociedade. Persegue os ladrões, procura pessoas desaparecidas, recupera objectos perdidos, evita conflitos quando há grandes aglomerados de pessoas, vigia as casas quando os inquilinos vão de férias e, através da campanha “Escola segura” está presente à entrada e à saída das aulas para

que ninguém perturbe os alunos. Obrigado pela colaboração, e agora queiram voltar para os vossos lugares.

Enquanto o público se arruma voltamos a ouvir a música que deu início ao concurso. A música pára.

NOTA: *nos envelopes podem estar, entre outras, as seguintes frases: Quero que a minha escola seja segura / Roubaram-me a mochila / Nas férias, os meus pais precisam que nos vigiem a casa / Vai ao estádio com as “claques” / O meu avô desapareceu de casa / Na estrada, o meu pai quer circular com segurança.*

ACTOR E estamos quase no fim
da viagem que fizemos
em redor das profissões.

Já vos contei que em pequeno
perguntava aos meus botões
“Que serei quando for grande?
Que profissão vou seguir?”
Gostava de ser palhaço.
Mas, após a aventura
que meteu perna partida
eu fiz uma grande jura
e deitei contas à vida:
gostava de ser palhaço,
gostava e fazer rir
na pista grande do Circo,
debaixo dos projectores,

banhado pelas muitas cores
no alto sempre a bulir.

Gostava de ser palhaço
mas resolvi desistir.

Contudo, o desejo meu
de ficar em frente aos outros
para lhes poder contar histórias,
fazê-los rir ou chorar,
continuava a existir.

E depois, chegado a grande,
eu tive que decidir
a profissão a escolher,
qual o caminho a seguir
para poder contribuir
a formar um mundo novo,
cheio de paz e de amor,
onde o viver tem mais gosto.

Ser Palhaço eu não ousava,
mas havia um outro ofício
semelhante àquele em tudo.

Vira-os na televisão.
no cinema e no teatro,
a contar histórias, fazer
tanto rir como chorar.

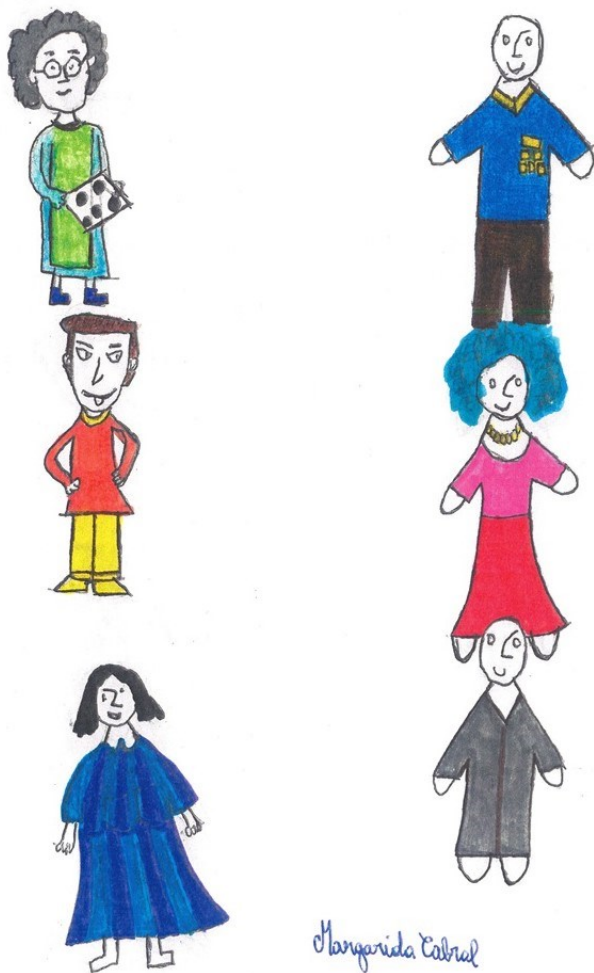
São os Actores, é claro!

aqueles que pintam a cara
e fingem o que não são.
São os Actores que nos levam
a acreditar que o que dizem
é real, quando não é.
São os Actores que em nós tecem
uma teia de ilusões
onde nos prendem e levam
para lá da imaginação.
Ser Palhaço eu não ousava
mas Actor já me calhava!
E assim fui aprender
esta minha profissão.
E se sou Actor agora
pude estar-vos a contar
todas as histórias que ouvistes.
Fi-lo com muita alegria.
Foi um prazer estar convosco!
Adeus até outro dia!

Música: marcha de Circo. Poucos momentos depois a música pára. Escuro.

UM CRIADO PARA TODO O SERVIÇO

(Infantil)



Margarida Cabral

A peça *Um criado para todo o serviço* foi apresentada na cena em data que não foi possível precisar, mas seguramente na década 1980-1990 e depois de 1983.

Foram intérpretes as actrizes Alina Vaz e Eugénia Bettencourt e o actor Carlos Martins, que também dirigiu o espectáculo.

ACTRIZ/A, ACTRIZ/B e ACTOR entram em cena e dirigem-se ao público.

ACTRIZ/B Viemos contar-vos uma história...

ACTRIZ/A A história dum rapaz que, porque não gostava nada de estudar, resolveu abandonar a escola e procurar trabalho, com os poucos conhecimentos que tinha apreendido.

ACTOR Eu vou fazer de conta que sou esse rapaz. *(uma breve pausa durante a qual coloca alguns elementos de guarda-roupa que o identificarão como RAPAZ; talvez um boné, mas o Figurinista decidirá)*

ACTRIZ/A e ACTRIZ/B dispõem em cena diversas cadeiras que indicarão alguns dos locais onde vai decorrer a ação; uma delas, será o parapeito duma janela, outras duas, a porta que dá para o patamar, etc.; com o decorrer da leitura se perceberá o mais que é preciso.

ACTOR Tudo começou quando, um dia, ia eu a passear pela Calçada das Tílias, a olhar para o céu a ver se chove ou se faz sol, e vejo cair...

Uma breve pausa durante a qual ACTRIZ/A coloca os elementos que a vão identificar com a figura que desempenhará na ação, sobe para cima da cadeira que faz de parapeito da janela e sacode um pano que depois deixará cair.

ACTOR ...do terceiro andar direito do número 18 da mesma rua um lenço? Trapo? Pano do pó?

ACTRIZ/A Era um pano do pó. E tinha sido eu quem o tinha deixado cair ao sacudi-lo. Eu, a mana Sempre em Pé, olaré! Moro neste terceiro andar direito da Calçada das Tílias número 18... uma casa às vossas ordens! Com a minha mana, a Sempre Deitada, coitada! Que desde que os nossos papás se despediram deste vale de lágrimas... enfim, desde que faleceram *(enxuga uma lágrima)* nunca mais... nunca mais...

Uma breve pausa durante a qual ACTRIZ/B coloca os elementos que vão identificá-la com a figura que desempenhará na acção.

ACTRIZ/B A irmã dela sou eu. Deram-me o nome de Sempre Deitada porque desde miúda estou adoentada. Sou muito achacada. Até parece que já nasci cansada.

ACTRIZ/A O melhor é a mana voltar para a caminha, que pode apanhar uma constipação.

ACTRIZ/B, dirige -se para fora de cena; quando está a sair.

ACTRIZ/A *(ao público)* Continuando...

ACTRIZ/B *(voltando à cena)* Disseste alguma coisa?

ACTRIZ/A Nada, nada! Andando, mana, andando.

ACTRIZ/B, volta a dirigir-se para fora de cena; quando está quase a sair.

ACTRIZ/A *(para o público)* Ora pois, continuando...

ACTRIZ/B *(voltando à cena)* O que é que tu queres agora? Não posso passar o dia todo a entrar e a sair.

ACTRIZ/A Nada, mana. É ir, é ir!

ACTRIZ /B sai de cena.

ACTRIZ/A *(ao público, muito baixinho, não vá a irmã ouvi-la e voltar à cena)* Continuando... *(constata que não há o perigo da irmã voltar; de novo no seu volume normal)* Como eu ia dizendo, os nossos papás faleceram e deixaram-nos qualquer coisinha.... ficámos as duas solteiras... e para aqui estamos, praticamente sozinhas. É verdade que temos alguns amigos... poucos, mas

bons. Escolhidos. Quem faz a lida da casa, pois é! sou eu, a Sempre em Pé. Não é que não pudéssemos contratar alguém para nos ajudar mas... não sei!... A mana Sempre Deitada, que parece que dorme mesmo acordada, está sempre a dizer...

ACTRIZ/B (*em bastidor*) Mana Sempre em Pé, esfalfas-te nessa canseira. Precisas de arranjar uma companheira. Alguém que te ajude na trabalheira. Que eu bem me esforço mas... não posso.

ACTRIZ/A (*falando para o bastidor*) Deixe lá, mana. Deixe lá! (*ao público*) Ora tinha eu acabado de encerar o salão e com o pano do pó passava uma demão quando, ao sacudi-lo da varanda se me escapa (*executa*) e, catrapus! Lá vai de cambulhada para a calçada.

ACTOR E foi aí que tudo começou, como eu dizia. Estava então a olhar para o céu a ver se chove, ou se faz sol e apanho com o pano do pó. (*o pano do pó está agora nas mãos dele*) Caiu do terceiro direito. Faço sinas para cima... (*executa*) Já vou! Já vou aí levar o pano do pó.

ACTRIZ/A Suba, suba. Tenha dó!

ACTOR É um instante! Não custa nada!

ACTRIZ/B (*entrando*) Que gritaria, mana, que banzé!

ACTRIZ/A Eu já explico à mana o que se passa.

ACTOR Entretanto, eu subo a escada. (*executa: pantomima*) Quando chego ao patamar e vou fazer-me anunciar... (*vai para bater à porta mas suspende*) ouço lá dentro...

ACTRIZ/B Teve sorte mana! Se esse rapaz não tivesse por acaso passado e levado na cara com o pano encharcado...

ACTRIZ/A Encharcado? Vejam só! Era o pano do pó.

ACTRIZ/B Seja! Se esse rapaz não tivesse passado e não se tivesse oferecido

para trazer o pano cá acima, era a mana quem tinha que descer para o ir buscar e voltar a subir os três andares à pata.

ACTRIZ/A E então? Dava uma passeata.

ACTRIZ/B Isto assim não pode continuar. Temos que arranjar uma pessoa para a ajudar.

ACTRIZ/A Não, não!

ACTRIZ/B Sim, sim! Quero que seja assim! Trabalhar tanto é uma asneira! Nem que a mana fosse a Gata Borracheira!... Vamos arranjar um criado para todo o serviço. Que saiba cozinhar, pôr a mesa, costurar, varrer o chão, encerar e receber, quando é preciso.

ACTOR Deste lado da porta eu pesava “Se não me engana o meu ouvido, já tenho emprego garantido”. Resumindo: bati à porta. (*executa*)

ACTRIZ/A E eu fui abrir. Recebi o pano do pó e agradeci.

ACTOR contei que estava à procura de emprego, que tinha ouvido a conversa por acaso e me parecia ser eu o trabalhador que procuravam.

ACTRIZ/A Pedi conselho à minha mana...

ACTRIZ/B ...e eu disse logo que sim.

ACTOR Emprego já eu tinha. O problema agora era conservá-lo... (*põe, talvez, um avental; o Figurinista que decida*)

ACTRIZ/B (*entrando para se retomar a acção!*) Rapaz! Logo damos aqui em casa uma recepção. Virá o nosso amigo General, aquela Grande Artista da TV, da mercearia, o Senhor Amaral... e muita outra gente, já se vê. A mana Sempre em Pé faz a comida. Tu pões a mesa, recibes as visitas e serves. (*saí*)

ACTOR, vai buscar uma mesa com o tampo relativamente pequeno e coloca-a no Centro de cena; pega numa toalha, desdobra-a e tenta colocá-la na mesa, a partir de um dos lados; mas, uma vez que dá pouco balanço, a toalha fica enrolada nesse lado da mesa, ou então cai para o

chão; apanha a toalha e tenta colocá-la sobre a mesa; mas, como dá muito balanço, a toalha sobrevoa a mesa e cai no chão, no lado oposto; volta a apanhar a toalha e coloca-a sobre a barriga; vai deitar-se de costas sobre a mesa; levanta partes da toalha, a verificar se está bem centrada na mesa; está! Missão cumprida! Muito satisfeito levanta-se da mesa e, evidentemente, leva com ele a toalha; volta a colocá-la aberta à sua frente; caminha para a mesa; deita-se de barriga para baixo sobre a toalha para que esta não fuja como na vez anterior; levanta-se com muito jeitinho mas acaba por enrolar-se nela; muito irritado, deita a toalha ao chão e coloca a mesa, de tampo para baixo, sobre ela.

NOTA: *aqueles que tiverem um amigo Palhaço podem recorrer a ele para lhes explicar como se faz este número. Depois não venham dizer que eu não avisei!*

ACTRIZ/A (*entrando*) O que estás a fazer?

ACTOR É o soalho que está muito encerado... A mesa escorregou e virou-se de pernas para o ar.

ACTRIZ/A Curioso! Tenho esta mesa há muitos anos e nunca a vi fazer isso...

ACTOR Pois acredito. Mas, sabe, as mesas têm por vezes comportamentos muito estranhos.

ACTRIZ/A (*olha a mesa*) Mas... (*pensa*) vem o nosso amigo General, aquela Grande Artista da TV, da mercearia, o Senhor Amaral... e muita outra gente, já se vê... Não! Essa mesa que escolheste é muito pequena para podermos sentar tanta gente. Temos de arranjar outra maior.

Retiram do centro a mesa pequena e substituem-na por outra maior. Desdobram sobre ela uma toalha.

ACTRIZ/A Agora o que é preciso é começar a colocar na mesa os pratos, os

copos e os talheres. Isso sabes tu fazer, não é verdade?

ACTOR Então não? Pois com certeza que sim. Se os outros sabem, por que é que eu também não havia de saber?

ACTRIZ/A Podias nunca ter aprendido. Vamos então a isto que eu ajudo. Vou passar-te os pratos do serviço: há os de sopa, os de peixe, os de carne e os de sobremesa. Mas atenção à disposição. Isto é um jantar de muita cerimónia.

ACTOR Esteja descansada.

ACTRIZ/A E, além dos diversos pratos, há a colher de sopa e a colher de sobremesa, a faca e o garfo de peixe, a faca e o garfo de carne, a faca e o garfo de sobremesa, os guardanapos, os copos para água, para vinho branco e vinho tinto...

ACTOR Mas quantas pessoas vêm cá jantar? Essa louça toda chegava para um regimento. Por que é que cada um não bebe tudo pelo mesmo copo? E por que é que não comem tudo no mesmo prato, só com um garfo e uma faca?

ACTRIZ/A Porque este é um jantar de muita cerimónia e nos jantares de muita cerimónia é assim que tem que ser.

ACTOR Sempre gostava de saber se a pessoa que tiver que lavar essa louça toda irá ser da mesma opinião.

ACTRIZ/A Vamos começar por colocar os pratos. *(vai a um local da cena onde está uma rima de pratos)*

ACTOR Vamos a isso! Atire, atire!

ACTRIZ/A E se se partem?

ACTOR Partem agora! Isto não tem nada que saber. E é muito mais rápido que andar a transportar os pratos, um a um, dum lado para o outro. Fazemos assim: a “Madama” fica aí e eu aqui ao pé da mesa. Pega num prato, atira-mo

e eu agarro.

ACTRIZ/A Não sou capaz! Tenho medo de não conseguir acertar.

ACTOR Está visto que tenho que ir aí explicar como deve fazer... *(desloca-se até junto da ACTRIZ/A; pega num dos pratos da pilha)* Isto não tem nada que saber: a “Madama” está aqui com o prato que me vai atirar e eu estou ali para o receber. Dá balanço e... *(envia pelo ar o prato que tem na mão; como seria de prever, o prato escaqueira-se no chão)* Está a ver como é simples?

ACTRIZ/A Mas o prato partiu-se!

ACTOR Pois partiu. Como podia não se ter partido se eu não estava daquele lado a recebê-lo?

ACTRIZ/A Vês? Por tua causa partiu-se um prato.

ACTOR Desculpará... partiu-se um prato, mas a culpa não foi minha.

ACTRIZ/A Ah, não? Foi então de quem? Minha?

ACTOR Pois decerto. Se eu não tivesse tido que vir aqui para lhe explicar como devia fazer, estava ali ao pé da mesa para receber o prato e ele não se partia.

ACTRIZ/A Bom, bom, está bem. Mas, por uma questão de segurança, prefiro que leves daqui os pratos e os coloques na mesa.

ACTOR A Senhora é que sabe. A Senhora é quem manda. Mas aviso desde já que vai demorar muito mais tempo.

ACTRIZ/A Deixa lá. *(dá-lhe um prato)* Cuidado...

ACTOR Não se preocupe. Eu sou o cuidado em pessoa. *(leva rapidamente o prato para a mesa e coloca-o no centro)*

ACTRIZ/A Mas no meio da mesa, não. É preciso deixar lugar para os outros pratos.

ACTOR A senhora manda.

ACTRIZ/A Empurra o prato mais para a borda da mesa. (*ACTOR executa*) Só mais um pouquinho. (*ACTOR executa mas desloca demasiadamente o prato que cai ao chão e se parte*) E já lá vão dois! É preciso teres mais cuidado...

ACTOR A culpa foi sua.

ACTRIZ/A Minha?!

ACTOR Pois com certeza. Não me disse que empurrasse o prato para a borda da mesa porque era preciso deixar mais espaço para pôr os outros?

ACTRIZ/A Era preciso deixar mais espaço, mas também não tanto.

ACTOR Foi um lamentável acidente. E um acidente pode ocorrer a qualquer momento e a qualquer pessoa. Vamos mas é a despachar, que os convidados devem estar para aí a rebentar.

ACTRIZ/A (*dá outro prato a ACTOR*) Cuidado... cuidado!

ACTOR desloca-se em direcção à mesa; coloca o prato junto a um dos bordos da mesa; volta-se para ACTRIZ/A, orgulhoso da sua proeza; vira-se de novo para a mesa, a ajeitar o prato.

ACTRIZ/A (*bate palmas*) Bravo! Bravo!

ACTOR (*atarantado com o barulho dos aplausos atira o prato pelo ar; o prato acaba no chão feito em cacos*) Ai que susto!

ACTRIZ/A E com este já são três!

ACTOR Pois são. Mas a culpa é sua!

ACTRIZ/A Minha?!

ACTOR Com certeza que é! Para que é que me põe nervoso?

ACTRIZ/A (*dá mais um prato ao ACTOR*) Continuemos... e espero que, desta vez, Deus nos auxilie com a sua infinita Graça! E cuidado, que é um serviço precioso!

ACTOR Quem tem que ter cuidado é a Senhora! Cuidado para não me atrapalhar quando estou a levar os pratos para a mesa. É que, compreende, posso atarantar-me e já não conseguir pôr um pé à frente do outro... E daí, se acontecer um desastre... sei lá! Posso desequilibrar-me e... (*tropeça, o prato voa e quebra-se no chão*) Vê? Eu não lhe disse? Mas se isso vier a acontecer a culpa não é minha.

ACTRIZ/A Já deu para perceber... Se isso vier a acontecer, como dizes, a culpa não é tua, é minha.

ACTOR Não diria tanto mas, na verdade...

ACTRIZ/A Se a falecida tia Mariana, que foi quem nos deu este serviço e recomendou que tivéssemos o maior cuidado com ele porque é uma louça preciosa, visse o que está a acontecer, era bem capaz de, com o desgosto, morrer outra vez!... Já basta de disparates! Toma outro prato (*entrega novo prato a ACTOR*), e em vez de ires às corridas daqui até à mesa, como costumas fazer, vai com calma, toma o teu tempo. Faz de conta que estás a conduzir um automóvel e que, em vez de teres tomado pela auto estrada, para chegar depressa, segues por estradas secundárias, mais demoradas mas muito mais calmas. Vai, que eu fico aqui a dar-te força para que tenhas uma feliz chegada.

Segurando o prato, e tentando respirar o mais calma e profundamente que lhe é possível, ACTOR executa um complicado percurso (a escolher pelo Actor e pelo Encenador) o qual poderá incluir passagens por cima ou por debaixo de móveis, etc.

ACTOR (*colocando finalmente o prato sobre a mesa*) Safa! (*está exausto e irritado*)

ACTRIZ/A Finalmente conseguiste! Este não se partiu.

ACTOR Pois consegui... pois não se partiu. Mas fiquei tão nervoso por ter a

“Madama” sempre a olhar para mim que a minha vontade era pegar no prato e fazê-lo em cacos como os outros. *(pega no prato e parte-o contra a mesa)* Assim!
Ah, agora já estou mais calmo...

ACTRIZ/A É melhor ser eu a acabar de pôr a mesa, se não ainda vamos ter todos de comer de dentro da panela.

NOTA: *para este número dos pratos que se partem convém ter pratos “maquinados”. Peço desculpa às pessoas do Teatro e às do Circo, uma vez que, para elas, vou ensinar “o Padre Nosso ao vigário”. Mas, dirijo-me aos leigos. Acontece que, segundo alguns, existe uma maldição que impede que em cena seja fácil partir pratos. Não posso garantir que seja uma maldição mas garanto que acontece muitas vezes: é necessário partir um prato em cena e ele continua inteiro. É claro que nas nossas casas é fácil: basta deixá-lo cair ao chão e aí o temos desfeito em mil pedaços. É infelizmente verdade. Mas em cena é diferente. Será que existe na cena uma força ainda desconhecida da Ciência que protege os pratos de se partirem durante os espectáculos? Desconheço.*

Receita para “maquinar” um prato:

1- parte-se com cuidado o prato, por exemplo com um martelo, em dois ou três bocados. 2- colam-se com uma cola que permita voltar a uni-los e a poder fazer crer ao público que o prato está inteiro. E adeus ó maldição dos pratos!

ACTRIZ/A Entretanto vai preparar-te para receber os convidados. Lembra-te que são amigos que muito prezamos. Espera aí... tu sabes receber convidados?

ACTOR E isso é lá coisa que se pergunte? Se os outros sabem porque é que eu também não hei de saber?

ACTRIZ/A Esperemos... Esperemos que não nos deixes ficar mal... Virá o nosso amigo General, aquela Grande Artista da TV, da mercearia, o Senhor

Amaral, e muita outra gente, já se vê. *(fica uns instantes a pensar)* Mas, se vem assim tanta gente não será possível acomodá-los a todos na mesa. Vamos dar um jantar volante. Levamos a comida para a mesa, cada um senta-se por aí onde lhe apetecer e vai buscar o que quiser. *(para ACTOR)* Vamos buscar mais cadeiras. *(colocam mais cadeiras na cena; também um banco corrido com costas, onde quatro pessoas se possam sentar à vontade, mas não cinco; o banco ficará em frente da mesa, voltado para o público, a uma distância daquela que permita a circulação dos Actores).*

ACTOR vai vestir-se de mordomo.

ACTRIZ/B *(entrando)* E eis chegado o momento da grande recepção! Achei a mana Sempre em Pé um bocado esquisita e perguntei-lhe se havia algum problema.

ACTRIZ/A E eu respondi “Problema... nenhum. Não há nada. Está tudo bem, obrigada.”

As duas põem a comida na mesa.

Canção

ACTRIZ/B Tudo a postos para a funçanata,
tudo a postos para a reinação.
Mesa posta com pastéis de nata,
laranjada, mel e melão.

ACTRIZ/A Nós gostamos de receber bem,
nós gostamos de dar nas vistas.
Bolos de creme são mais de cem
e preparei umas pataniscas.

ACTRIZ/B Olho para a mesa posta a preceito
e sinto em mim uma vontade louca:
comer de tudo e de tudo a eito.
Até já tenho água na boca!

AS DUAS Virá o nosso amigo General
e aquela Grande Artista da TV,
da mercearia, o senhor Amaral
e muita outra gente, já se vê.

Rufar de tambores, trombetas, etc.

ACTRIZ/B Os convidados estão a chegar!

ACTRIZ/A (*para ACTOR, que acabou de entrar*) Vai recebê-los. Vais abrir a
porta e conduzi-los para aqui. Mas cuidado com o que fazes.

ACTOR Pode ficar descansada.

Retine a campainha da porta.

ACTRIZ/A Vai lá abrir.

ACTOR (*sai e volta a entrar com um boneco de pano do tamanho duma pessoa, vestindo
farda de General; anuncia*) O Senhor General. (*leva o boneco a beijar a mão à
ACTRIZ/A e ACTRIZ/B; General dança com ACTRIZ/A ao som da música que
continua em fundo*)

Retine a campainha.

ACTOR (*sai e volta a entrar com um boneco semelhante ao anterior; anuncia*) Da
mercearia, o Senhor Amaral. (*Amaral cumprimenta o par que dança e vai dançar
com ACTRIZ/B*)

Retine a campainha.

ACTOR *(sai e volta a entrar com um boneco semelhante aos anteriores; anuncia)* A Grande Artista da TV. *(dança com ela; dai a instantes a música pára)*

NOTA: *os bonecos podem ser cheios com espuma ou com outro qualquer material leve; devem ter um aspecto tosco; há que ser possível sentá-los em cadeiras, pelo que terá que haver uma junção flexível entre a perna e o corpo e outra ao nível do Joelho.*

ACTRIZ/B E agora, queridos amigos, que dizem a um pastelinho e a um fresco?

ACTOR Ora isso é que é falar! Quero de tudo e de tudo muito! Desde que não seja sopa, que é a comida que eu mais detesto. Ao ataque! *(põe às costas o boneco que representa a Grande Artista da TV; este boneco deve ter braços cujas mãos estão presas uma à outra; quando o Rapaz decide atacar a comida bastará enfiar os braços do boneco no pescoço - e correr para a mesa)*

ACTRIZ/A *(barra-lhe o caminho)* Não, tu, não! Só os convidados.

ACTOR Mas eu também tenho fome!

ACTRIZ/A Comes depois.

ACTOR Depois! Eu tenho fome é agora...

ACTRIZ/B Meus amigos, façam favor...

Os pares que dançaram (ACTRIZ /A + General e ACTRIZ/B + Senhor Amaral) dirigem-se para o banco que foi colocado à frente da mesa; sentam-se os quatro, pela ordem que vai indicada a seguir; serão as ACTRIZES a conduzir e a sentar os bonecos com que dançaram.

Amaral + ACTRIZ/B + General + ACTRIZ/A

ACTRIZ/B Falta um lugar...

ACTOR Para mim? Afinal reconsideraram e eu vou comer com os outros.

Sendo assim... E já que tanto insistem, dá-se um jeitinho. Como costuma dizer-se, onde comem quatro também comem cinco. *(vai sentar-se ao lado de ACTRIZ/A)* Com licença... Isto, com boa vontade, tudo se resolve. *(começa a empurrar os outros que estão sentados, para o lado esquerdo: Amaral cai ao chão)*

ACTRIZ/B Olha o que fizeste! Desculpe, Senhor Amaral...

ACTOR A culpa não foi minha! Começaram todos a empurrar e, é claro...

Mas eu vou já resolver o assunto. *(levanta-se, sempre com o boneco da Grande Artista da TV às costas)* Vou já ajudar o Senhor Amaral a levantar-se. *(executa, indo levantar o boneco do Senhor Amaral e colocando-o no lugar que ocupava na mesa)* Aleijou-se? Não? Ainda bem. Pronto, está tudo resolvido.

ACTRIZ/A Rapaz, quando disse que faltava um lugar não era para ti. Tu comes no fim.

ACTOR Então, se o lugar que diz que faltava não era para mim, para quem era?

ACTRIZ/B Para a Grande Artista da TV.

ACTOR Ah, essa nunca mais ninguém a viu. Deve ter ido embora.

ACTRIZ/A Não foi nada. Está aí atrás de ti.

ACTOR Onde? *(volta a cabeça para um lado e para o outro, a tentar vê-la)*

ACTRIZ/B Atrás de ti.

ACTOR *(roda sobre si mesmo, à procura da boneca; não a vê porque, uma vez que lhe está presa às costas, roda com ele)* Não vejo ninguém.

ACTRIZ/A Nas tuas costas. Vê.

ACTOR *(executa o mesmo jogo de há instantes)* Devem estar a mangar comigo!

ACTRIZ/A *(levanta-se, retira o boneco das costas de ACTOR e condu-lo para a mesa)*

Desculpe, minha querida... o Rapaz é novato na profissão. Mas sente-se, faça favor. E desculpe, sim? Vai ficar aqui, ao lado do Senhor Amaral. Se não se importam cheguem-se todos um pouquinho para a direita, para deixar espaço para esta nossa querida amiga.

Os que estão já sentados deslocam-se para a direita. O boneco da Grande Artista da TV senta-se no lugar onde estava anteriormente sentado o Senhor Amaral; ACTRIZ/A fica ao lado ou atrás dele a segurá-lo.

ACTRIZ/A Perfeito!

A posição das figuras no banco é agora a seguinte:

Artista da TV + Amaral + ACTRIZ/B + General

ACTRIZ/A Mas esperem lá! Continua a faltar um lugar.

ACTOR Para quem?

ACTRIZ/A Para mim.

ACTOR Tem toda a razão. Mas isso resolve-se já. Com boa vontade tudo se consegue. Se não se importam desloquem-se todos um tudo ou nada para a direita, de modo a arranjarmos espaço para esta senhora se sentar. *(os que estão sentados executam)* Ora exactamente. Só mais um bocadinho. Muito bem. *(para ACTRIZ/A)* Faça favor.

Quando ACTRIZ/A se vai sentar, o boneco do General cai ao chão.

ACTRIZ/B *(levanta-se)* Vês o que fizeste? *(vai ao General e tenta levantá-lo)* Ai, que horror, General! Perdoe!

ACTRIZ/A Perdoe, General. Vês o que fizeste? Andas aí a correr dum lado

para o outro mas nunca consegues arranjar lugares para todos.

ACTOR (*vai à ACTRIZ/A*) Não diga uma mentira dessas, que até lhe podem cair os dentes. Como é que não consigo arranjar lugar para todos? (*aponta o banco, no qual há agora dois lugares vagos, uma vez que ACTRIZ/B ainda está a levantar o General*) Repare! Então? Há ou não há lugares? Queira sentar-se, faça favor! Se há coisa que detesto é que me critiquem sem razão...

A posição das figuras no banco é a seguinte:

Artista da TV + Amaral + lugar vago + lugar vago

ACTRIZ/A vai sentar-se no banco, ao lado de Amaral. A posição das figuras é agora a seguinte:

Artista da TV + Amaral + ACTRIZ/A + lugar vago

ACTOR Ah, pois... falta ainda sentar o Senhor General e a Senhora sua mana. Mas façam favor. Façam favor que cabem todos.

General e ACTRIZ/B vão para ocupar o banco, entrando pela direita.

ACTOR Isso mesmo. Agora é só darem todos um jeitinho. (*indica que se devem deslocar para a esquerda; Artista da TV cai ao chão*)

ACTRIZ/A Isto assim não é possível! O melhor será comermos todos em pé.

ACTOR Em pé? Nem pensar! Se comerem em pé ficam cansados. O melhor é comerem todos deitados, até porque já começo a ficar farto desta história, Querem ver como é? (*pega nos bonecos e atira-os ao chão, uns por cima dos outros*)

ACTRIZ/B (*aos gritos*) Ai que me vai dar uma coisa! Ai que me vai dar uma coisa!

ACTRIZ/A (*indo a ela*) Tenha calma, mana. Pense na sua saúde.

ACTRIZ/B Ai que me vai dar uma coisa!

ACTRIZ/A – Venha, que eu ajudo-a a deitar-se.

ACTRIZ/A e ACTRIZ/B saem de cena; pausa, durante a qual ACTOR vai ao público e abre os braços, indicando que “lamenta o que aconteceu; mas o que é que se pode fazer?”; afasta para o lado o banco que tem estado em frente da mesa, retira de cena os bonecos e dobra a toalha que cobre a mesa com as “comidas” que se espera sejam de plástico, retirando-a para o Fundo.

ADVERTÊNCIA AOS ENCENADORES (?) E ACTORES “ARTISTIQUEUS”: isto não tem nada de psicológico; trata-se apenas de um ACTOR que está a arrumar a cena.

ACTOR (*volta a dirigir-se ao público*) Resumindo: os convidados acabaram por ir embora sem comer nada. A mana Sempre em Pé foi ajudar a deitar a mana Sempre Deitada. E eu aproveitei as ausências delas para me banquetear lautamente. Não sou escuteiro mas aquela foi a minha boa acção do dia. Digo isto, uma vez que não se deve deixar estragar a comida. Comi tanto que fiquei sonolento. Acabei por me deitar a dormir debaixo da mesa. (*executa*) Acordei no dia seguinte ao ouvir uma grande gritaria.

ACTRIZ/A (*fora e depois entrando*) Rapaz! Rapaz!

ACTOR Já uma pessoa não pode descansar como deve ser!

ACTRIZ/A (*de gatas no chão, para ficar ao nível de ACTOR*) Descansar? Mas descansar de quê? Para se ficar cansado é preciso primeiro termos trabalhado.

Ora tu não fizeste nada. Ou antes fizeste, mas só fizeste disparates.

ACTOR Ontem não estava nos meus dias...

ACTRIZ/A Não é nada disso! O que acontece á que não sabes fazer nada.

ACTOR Ai, que grande mentira!

ACTRIZ/A Agora o que tens a fazer é ir embora depressa cá de casa.

ACTOR Ir embora? Ficar sem emprego?

ACTRIZ/A Os empregos são para quem sabe trabalhar bem.

ACTOR Então e eu não sei?

ACTRIZ/A Não.

ACTOR Mas... se os outros sabem por que é que eu também não hei de saber?

ACTRIZ/A Provavelmente porque os outros se interessaram em andar na escola para apender. Ninguém nasce ensinado. Vamos a levantar e a ir embora. Prejuízos já nos deste muitos.

ACTOR Mas agora não posso. Estou cheio de sono. *(fecha os olhos, acomoda-se para continuar a dormir)*

ACTRIZ/A *(descendo ao público)* Percebi que, a bem, não ia conseguir tirá-lo de nossa casa, e fui tomar conselho com a mana Sempre Deitada que, por acaso, estava acordada...

ACTRIZ/B ...e preocupada, mana. Muito preocupada. Sabe o que lhe digo?

É necessário agir com muita manha.

Como eu começo a perder paciência

e ele não cede a razões de peso

inventemos ambas uma boa artimanha,

ajamos as duas com muita prudência

para que o nosso cérebro saia disto ileso.

ACTRIZ/A Ai, mana, que bonito! Até parece uma poesia daquelas antigas.

ACTRIZ/B Em resumo, combinámos que eu seria...

Curta pausa durante a qual ACTRIZ/B sai para o “patamar” e se veste de Inspector dos Trabalhamentos Bem Feitos.

ACTRIZ/B toca à campainha da porta; ACTRIZ/A vai abrir.

ACTRIZ/A Faça favor.

ACTRIZ/B Mais alto, a ver se ele acorda.

Vão as duas para junto da mesa debaixo da qual está ACTOR.

ACTRIZ/A (*gritando*) Faça favor.

ACTRIZ/B (*gritando*) Sou o Inspector dos Trabalhamentos Bem Feitos. Têm cá algum empregado?

ACTRIZ/A Temos.

ACTRIZ/B Gostava de vê-lo. Mas a estas horas deve estar ocupado na execução das suas tarefas.

ACTRIZ/A Pelo contrário. Ainda está deitado. Mas vou ver se poderá receber o Senhor Inspector. É este aqui.

ACTOR Não posso crer no que os meus olhos veem! E faço minhas as palavras do Alberto Villar: "A minha alma está parva e a minha mente taralhouca". Mas que espécie de empregado é este que aqui têm?

ACTRIZ/A Bem, sabe, senhor... senhor...

ACTRIZ/B Inspector dos Trabalhamentos Bem Feitos.

ACTRIZ/A Saiba, Senhor Inspector dos Trabalhamentos Bem Feitos que ontem, cá em casa demos uma recepção. É sempre uma trabalhadeira, já se sabe...

ACTRIZ/B E ele desempenhou-se a vosso contento das tarefas que lhe atribuíram?

ACTRIZ/A Bom... a bem dizer...

ACTRIZ/B Seja sincera. Não me oculte nada.

ACTRIZ/A Tudo o que fez foi uma grande salsada.

ACTRIZ/B O quê? Vai dizer-me que é um incompetente? Que diz que tudo sabe fazer e que mente? Mas, se continuar aqui, estará a tirar o trabalho a um outro que soube estudar como deve ser.

ACTRIZ/A Não queria incriminá-lo mas, enfim, a saúde da minha mana, já de si tão debilitada, ficou, desde que ele cá está, ainda mais abalada.

ACTRIZ/B Onde está a sua mana? Naquele quarto ali ao lado? Veremos o que tem para me dizer. *(sai)*

ACTOR Vejo este caso muito mal parado! O melhor é fingir que estou adoentado. Ai que dor! Ai que comichão!

ACTRIZ/B volta à cena vestida de mana Sempre Deitada.

ACTRIZ/B O que se passa, mana? Que barulho é este? E quem é aquele homem que foi ao meu quarto O que é que ele queria? Diz que vai mandar prender este rapaz por ele não saber fazer nada.

ACTRIZ/A Era o Inspector dos Trabalhamentos Bem Feitos. A ele ninguém consegue enganar.

ACTRIZ/B Coitado do Rapaz. Se calhar ontem não fez bem o que se lhe pediu por estar adoentado.

ACTOR Foi isso, foi. Estou muito doente. Não sei o que tenho. Mas sinto de vez em quando umas dores. Aí voltam elas. Ai...ai!

ACTRIZ/B Pobrezinho, está mesmo doente. Devíamos explicar isto ao Inspector mas infelizmente ele saiu pelas traseiras.

ACTRIZ/A Vou ver se ainda o apanho. *(sai pela porta do patamar; veste-se de Inspector das Doenças Inventadas; toca à campainha da porta)*

ACTRIZ/B Quem será? *(vai à porta)*

ACTRIZ/A Muito bom dia, Vossa Excelência permite?

ACTRIZ/B Faça favor. Mas a quem tenho a honra...

ACTRIZ/A Vossa Excelência deve ser... sim. Estou certo que me não engano! a mana daquela senhora que ainda há instantes contactou na rua o meu colega, o Inspector das Trabalhamentos Bem Feitos.

ACTRIZ/B Efectivamente, a minha mana saiu há instantes daqui a ver se ainda conseguia apanhar o seu colega. Mas o senhor quem é?

ACTRIZ/A Então, vejamos... Eu sou o colega do meu colega.

ACTRIZ/B Pois com certeza! Que cabeça a minha! Vossa Excelência até já tinha dito: Vossa Excelência é colega do seu colega e o seu colega é colega de Vossa Excelência. Não há nada mais simples.

ACTRIZ/A A mana de Vossa Excelência pediu-me que lhe comunicasse que neste momento não pode aparecer porque foi comprar tremoços à mercearia da esquina.

ACTRIZ/B Muito obrigada pela informação. Foi então à mercearia do Senhor Amaral. Esse bom amigo ainda ontem esteve aqui em nossa casa. Demos uma pequena recepção. Veio o nosso amigo General, aquela Grande Artista da TV, da mercearia, o Senhor Amaral...

ACTRIZ/A ...e muita outra gente, já se vê.

ACTRIZ/B Não. Esteve na verdade para vir muita outra gente... mas a recepção acabou por ter que ser interrompida poucos instantes depois de ter começado, por questões alheias à vontade da Gerência, e a muita outra gente, já se vê, acabou por não vir.

ACTRIZ/A Lamento saber. A mana de Vossa Excelência comunicou há instantes ao meu colega, o Inspector dos Trabalhamentos Bem Feitos, que tinha surgido nesta casa um lamentável “quiproquó”.

ACTRIZ/B “Quiproquó”... Que tinha vindo aqui a casa esse tal “quiproquó”?

Não, aqui a casa não. É aliás pessoa que não conheço. Agora, ao prédio já não digo que não possa ter vindo. Sabe, Senhor... Senhor...

ACTRIZ/A Inspector das Doenças Inventadas.

ACTRIZ/B Pois, Senhor Inspector das Doenças Inventadas, isto é todo o dia um corrupio de gente sempre a entrar e a sair.

ACTRIZ/A Perdão... queria eu dizer que tinha havido um lamentável equívoco... um “quiproquó”: um rapaz que tinha sido injustamente acusado de não saber...ou de não querer trabalhar bem, quando afinal o que acontecia era ele estar doente.

ACTOR Tenho a impressão que isto se compõe. (*geme*)

ACTRIZ/B É este rapaz que aqui vê.

ACTRIZ/A Parece na verdade muito doente. Nestas condições, como é que ele podia trabalhar bem?

ACTRIZ/B Vossa Excelência é médico?

ACTRIZ/A Sou, como disse, o Inspector da Doenças Inventadas e, por esse motivo, tenho que à partida ser médico.

ACTOR Inspector das Doenças Inventadas... Inventadas! Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!

ACTRIZ/B Veja como o pobrezinho geme...

ACTOR Agora gemo de medo! Começo a ver o caso mal parado.

ACTRIZ/B – Mas esclareça-me Inspector: o que vem a ser isso das Doenças Inventadas? Então as doenças não são todas reais?

ACTRIZ/A Eu explico: claro que as doenças são todas reais. Mas há pessoas que, para seu proveito... por exemplo porque não lhes apetece trabalhar, inventam ter uma ou várias dessas doenças reais. É aí que falamos de doenças inventadas.

ACTRIZ/B Compreendo. Mas não será com certeza esse o caso deste rapaz.

ACTRIZ/A Também estou certo disso. Este jovem está doente e vamos pô-lo bom. Para começar, precisa de muito repouso.

ACTOR Ai que bom!

ACTRIZ/A De uma sã e abundante alimentação...

ACTOR Ainda melhor! Este homem é um génio.

ACTRIZ/A E, uma vez que não deve ter muito trabalho a mastigar para não se cansar, o melhor que há a fazer é pô-lo a sopa durante quinze dias.

ACTRIZ/B A sopa?

ACTOR A sopa? O que eu mais detesto.

ACTRIZ/A Exactamente: a sopa. De manhã à noite, sopa. Sopa ao pequeno almoço, ao almoço, à merenda e ao jantar.

ACTRIZ/B E para variar?

ACTRIZ/A Para variar? Para variar... sopa. Para variar, uma sopinha de vez em quando não lhe pode fazer mal. Mas convém não exagerar.

ACTRIZ/B Mas uma dieta dessas não será muito monótona para o rapaz?

ACTRIZ/A Monótona! Essa agora... Faz-se sopa de tudo e de mais alguma coisa. De feijão, de couve lombarda, de abóbora... de espinafres, de cebola, de cenoura... de galinha, de pato, de peru... de couve branca, de alface, de espargos... Hei de enviar-lhe um exemplar do meu livro “As mil e uma maneiras de fazer sopa”. Vai ser-lhe muito útil nestes próximos quinze dias para variar as ementas. Porque vamos curar este rapaz unicamente à base de sopa. Sopa, sopa e mais sopa.

ACTOR Mas eu detesto sopa!

ACTRIZ/A Vai ver que passa a gostar.

ACTOR Não! Não me quero tratar.

ACTRIZ/A Impossível. Queremos curá-lo. O rapaz está um tanto ou quanto

renitente em tomar o remédio mas vai ver, minha senhora, que eu tenho solução para tudo. *(de uma maleta, tipo maleta de médico que trouxe consigo, tira um grande funil e um desentupidor de pia)* No caso dele se recusar a comer a sopa... ajude-me aqui! *(as duas agarram o rapaz e sentam-se em cima dele)*

ACTRIZ/A A Senhora e a sua mana prendem-no como estamos agora a fazer. Depois deitam a sopa no funil e enfiam-lho pela boca abaixo. Se a sopa não escorregar bem podem sempre recorrer ao desentupidor. Verão que é fácil. E agora, para fazermos uma demonstração prática, ajude-me a ir à cozinha buscar o panelão da sopa.

ACTRIZ/A e ACTRIZ /B saem de cima do ACTOR e saem de cena.

ACTOR É safar daqui! É safar daqui que está tudo doido! *(sai de cena)*

ACTRIZ/A e ACTRIZ/B regressam à cena com as indumentárias de manas.

ACTRIZ/B Deste já estamos livres.

ACTRIZ/A Nunca mais me fale em contratarmos um criado para todo o serviço.

ACTRIZ/B Deixe lá, mana. Até nos divertimos. E pode ser que para ele tenha sido uma boa lição.

ACTOR *(regressando à cena, vestido como no início do espectáculo)* E foi. Sei que decidi voltar para a escola e passar a estudar a sério, para poder, a sério, exercer uma profissão. E pronto, por hoje é tudo. Foi um prazer estar convosco.

FIM

HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO

(Juvenil)

VIVAM
OS
NOIVOS



Margarida Cabral

Locais onde decorre a acção: o palco dum teatro, a plateia e a “régie”, situada atrás da plateia. Há uma escada que permite o acesso entre o palco e a plateia.

DIRECTOR da Companhia (*entra no palco e fica visivelmente espantado por ver espectadores sentados na plateia. Faz um ligeiro aceno de cumprimento em direcção ao público e chama para fora*) Amaral! (*desce ao proscénio*) É só um instante... (*volta a chamar para fora*) Amaral!

AMARAL (*que está sentado à mesa da “régie” de som e luz, atrás da plateia*) Estou aqui, Senhor Director.

DIRECTOR Aqui, onde?

AMARAL Na mesa da “régie”.

DIRECTOR A fazer o quê?

AMARAL Então, senhor Director, é o meu local de trabalho.

DIRECTOR Isso sei eu muito bem! Fui eu quem o contratou para técnico de som e luz da Companhia.

AMARAL Então já vê.

DIRECTOR Com certeza que é o técnico de som e luz e que deve estar no seu local de trabalho, como diz... e muito bem e muito bem! Mas isso é quando há espectáculos.

AMARAL Pois claro.

DIRECTOR Então, se é quando há espectáculos, o que está agora aí a fazer?

AMARAL À espera que comecem o espectáculo.

DIRECTOR Mas qual espectáculo?

AMARAL Este... a “matinée” de hoje.

DIRECTOR Mas qual “matinée” de hoje?

AMARAL (*que não consegue entender o que o DIRECTOR está a dizer-lhe*) O senhor Director desculpe...

DIRECTOR Amaral, hoje não há espectáculo. Não há espectáculo à tarde, nem há espectáculo à noite. Não há espectáculo!

AMARAL Se o senhor, que é o director da Companhia, o diz, deve ser verdade.

DIRECTOR Deve ser verdade?! Deve ser! Mas está a pôr em dúvida o que eu digo?!

AMARAL Não, não! De modo nenhum! Mas... posso perguntar uma coisa?

DIRECTOR Pergunte, homem, pergunte. Uma coisa, duas, três, as que quiser!

AMARAL Se hoje não há espectáculo, o que estão eles a fazer aí sentados?

DIRECTOR Eles, quem?

AMARAL O público.

DIRECTOR (*desce ao proscénio e observa os espectadores*) É uma boa pergunta. Uma pergunta muito pertinente. O que estão eles aí a fazer?

AMARAL Será que alguém os chamou?

DIRECTOR Quem?

AMARAL Quem é que se ocupa da divulgação dos espectáculos? Quem é que regista as marcações das escolas e as do público em geral?

DIRECTOR O Secretariado.

AMARAL (*emendando o DIRECTOR*) A Secretariada.

DIRECTOR Qual Secretariada?

AMARAL A menina Efigénia. Ou a menina Efigénia não é uma mulher?

DIRECTOR Se não é, imita muito bem.

AMARAL Então, já vê. Se é uma mulher, o que ela dirige é a Secretariada e não o Secretariado. Isso era se fosse um homem.

DIRECTOR Mau, mau...

AMARAL O Senhor Director desculpará, mas das concordâncias na Língua

Portuguesa percebo eu.

DIRECTOR Pronto, acabou! Vá aí ao intercomunicador e peça à menina Efigénia para vir ao palco com urgência.

AMARAL (*regressa à mesa de “régie”; passamos a ouvir a voz dele ampliada pelo intercomunicador*) Menina Efigénia, Menina Efigénia. O Senhor Director pede a sua comparência, com urgência, no palco.

DIRECTOR Vamos lá ver se conseguimos esclarecer este mistério. (*desce ao proscénio e fala ao público*) Desculpem, sim? É só um instante.

AMARAL Uma vez que aqui estou, e se o Senhor Director não vê inconveniente, aproveito para orientar uns projectores que estão desalinhados.

DIRECTOR Com certeza, Amaral. Esteja à vontade.

AMARAL dirige-se à mesa da “régie e liga alguns projectores; regressa ao palco e sai para os bastidores; volta com um escadote; enquanto isso, o DIRECTOR tem ido diversas vezes olhar para os bastidores, a ver se EFIGÉNIA aparece; acaba por decidir voltar a dirigir-se ao público.

DIRECTOR Isto não demora nada. Ó Amaral, vá ao intercomunicador e volte a chamar a menina Efigénia que venha cá depressa.

AMARAL executa.

VOZ DE AMARAL (*falando pelo intercomunicador*) Menina Efigénia, menina Efigénia! Voltam a pedir a sua vinda ao palco com urgência.

DIRECTOR Diga-lhe que o público não pode estar mais tempo à espera.

VOZ DE AMARAL (*no intercomunicador*) Menina Efigénia, o público exige a sua presença. Não faça esperar o público, menina Efigénia.

DIRECTOR Não foi bem isso o que eu disse, mas também tanto faz. Desde que se despache...

Do bastidor entra EFIGÉNIA, é uma moça desengraçada e um tanto ou quanto histérica, que surge em cena vestida como se fosse uma vedeta no final duma revista do antigo Parque Mayer; se bem que caiba ao Figurinista decidir o que ela usa, sugiro, para poderem ser executadas cenas posteriores, um vestido comprido de lantejoulas e um toucado de plumas; está maquilhadíssima; mal entra em cena vai abraçar-se ao DIRECTOR.

EFIGÉNIA Obrigada, Senhor Director! Agradeço-lhe do fundo do coração! Finalmente, Senhor Director! Deixe-me dar-lhe um beijinho! Só um, não! Dois, três, que foi a conta que Deus fez! *(beija-o três vezes nas faces)* Eu sabia! Sabia que mais tarde ou mais cedo a minha hora havia de chegar!

DIRECTOR *(que está um tanto perplexo)* Por que é que não veio logo que o Amaral a chamou? Por que é que demorou tanto tempo?

EFIGÉNIA Eu não podia vir actuar vestida de qualquer maneira. Tive que me arranjar. Fui ao guarda-roupa mas a zeladora não estava lá. Por isso tive que ir pedir a chave à porta da Caixa. Mas estou muito bem, não estou? *(dá uma volta sobre si mesma, a mostrar-se ao DIRECTOR)*

DIRECTOR Sim, sim. Muito bem, muito bem. Mas não era preciso estar com tanta coisa. O que eu quero saber é como é que se gerou esta confusão.

EFIGÉNIA Qual confusão?

DIRECTOR Eles estão ali, à espera que o espectáculo comece.

EFIGÉNIA Vai ser já de seguida.

DIRECTOR Como é que pode ser já de seguida se hoje não há espectáculo?

EFIGÉNIA Não há espectáculo? Hoje não há espectáculo?

DIRECTOR Não! E a menina, que dirige o Secretariado deveria saber isso

melhor que ninguém! E não se pôr a aceitar reservas para um dia em que não há espectáculo, que foi com certeza o que aconteceu. Agora temos ali o público à espera e o que vamos fazer? Como é que vamos descalçar esta bota?

VOZ PELO INTERCOMUNICADOR Chamada telefónica para o Senhor Director, no escritório.

DIRECTOR Agora não posso.

VOZ PELO INTERCOMUNICADOR Chamada telefónica para a Senhor Director, no escritório. A pessoa diz que é urgente.

DIRECTOR Ora a minha vida! (*para EFIGÉNIA*) Vá falar com eles. Vá-lhes dizer...

EFIGÉNIA Não se preocupe, Senhor Director, que eu já decidi o que vou dizer.

DIRECTOR Ora ainda bem! Assuma as suas responsabilidades.

EFIGÉNIA Com o maior prazer.

DIRECTOR Vamos lá então saber o que se passa. (*sai de cena*)

Durante a cena anterior, AMARAL tem continuado a fazer o seu trabalho com os projectores. O último que lhe falta afinar está orientado de frente para o centro do proscénio - é portanto um projector situado na sala, talvez na primeira vara ou então está montado num tripé - e é debaixo desse foco que EFIGÉNIA se vai colocar.

EFIGÉNIA Obrigada, Amaral. É um querido!

AMARAL não ouve ou não percebe o que EFIGÉNIA diz e continua em cima do escadote a afinar aquele projector.

EFIGÉNIA (*ao público*) Meus amores... Permitam-me que os trate assim, por

“meus amores”. O meu coração transborda de alegria por poder estar aqui hoje na vossa presença. Espero não vos desiludir nesta minha primeira incursão no mundo do espectáculo. Adoro-vos. (*distribui beijos com os dedos*) Adoro-vos, adoro-vos e adoro-vos! Ai, estou tão nervosa! E peço desde já clemência para possíveis erros. Escolhi, nesta minha estreia, declamar-vos, do grande poeta português Augusto Gil, a “Balada da neve”.

NOTA: *as indicações que vão dadas no texto destinam-se apenas a mostrar como a cena seguinte poderá ser trabalhada. Caberá ao Encenador decidir o que fazer.*

EFIGÉNIA “Batem leve, levemente / como quem chama por mim. / Será chuva? Será gente? / Gente não é certamente / e a chuva não bate assim. / É talvez a ventania. / Mas há pouco, há pouquinho /”.

AMARAL orienta o projector para o Fundo Direito da cena; EFIGÉNIA vai atrás do foco.

EFIGÉNIA “ / nem uma agulha bulia / no pinheiral do caminho. / Quem bate assim, levemente, / com tão estranha leveza / que mal se ouve, mal se sente? / Não é chuva, não é vento / nem é gente com certeza. – Fui ver”.

AMARAL muda o foco do projector para a Esquerda; EFIGÉNIA vai atrás do foco.

EFIGÉNIA Amaral! Esteja quieto com isso! “a neve caía / do azul cinzento do Céu, / branca e leve, leve e fria. / Há quanto tempo a não via / e que saudades, Deus meu! / Olho através da vidraça. / Pôs tudo da cor do linho. / Passa gente”.

AMARAL muda o foco do projector para o Centro do proscénio, com a orientação que tinha inicialmente.

EFIGÉNIA Amaral! Agora não mexa mais! Deixe estar como está! “e quando passa / os passos imprimem traça / na brancura do caminho / Fico a olhar esses sinais / da pobre gente que avança / e noto por entre os mais / os traços miniaturais / duns pezinhos de criança.”

AMARAL começa a descer o foco do projector; para conseguir ser iluminada, EFIGÉNIA tem que deitar-se no chão.

EFIGÉNIA “ / Que quem já é pecador / sofra tormentos, enfim! / Mas às crianças, Senhor, / por que, lhes dais tanta dor?! / Por que padecem assim?! / Uma profunda tristeza / entra em mim, fica em mim presa. / Cai neve na Natureza / e cai no meu coração”.

O público aplaude.

NOTA: *uma vez que não é provável que o público aplauda espontaneamente, convirá recorrer a alguém que puxe as palmas.*

EFIGÉNIA (*levanta-se*) Obrigada! Obrigada! Amo-vos de todo o coração! (*vai, furiosa, falar com AMARAL*) Amaral, esclareça-me uma coisa: o que ganhou em tentar dar cabo da minha actuação?

AMARAL, arruma o escadote, talvez contra parede e retira dos ouvidos uns auriculares – este gesto não deve ser especialmente denunciado, ou seja, deve ser qualquer coisa completamente banal.

AMARAL Desculpe... não percebi o que disse.

EFIGÉNIA Perguntava-lhe eu o que ganhou em tentar dar cabo da minha actuação?

AMARAL Eu?! Mas o que é que eu fiz?

EFIGÉNIA Ah, não tem ideia? Então avivo-lhe a memória. Porque é que desviava sempre o foco do projector de cima de mim?

AMARAL Eu?! Eu fiz isso?

EFIGÉNIA Fez. Fez e sabe muito bem o que fez. De propósito para prejudicar o meu trabalho! (*indica, com as mãos, os locais para onde AMARAL desviou o projector*) Primeiro o projector estava virado para aqui. Que era onde devia estar, em cima da Artista. Mas a seguir desviou-o para ali, e depois para o outro lado, e para o centro da cena, e eu a correr feita parva dum lado para o outro para apanhar a luz. Por fim tive que me deitar no chão para não acabar de dizer o poema às escuras. Acha isto decente, Amaral?

AMARAL Mas eu... mas eu... Eu estava a afinar o projector.

EFIGÉNIA Sei o que o move contra mim.

AMARAL Contra si, eu?! Oh, menina Efigénia...

EFIGÉNIA O que você tem são ciúmes. Se calhar é um técnico de som e luz frustrado e o seu sonho é poder vir a ser Actor. E por isso tem inveja do apoio que me deu o Senhor Director neste meu início de carreira artística. Mas sabe o que lhe digo, Amaral? Não é com golpes baixos como este que vai conseguir o que pretende. Detesto-o, Amaral! O senhor é um ser desprezível! Se fosse o único homem à superfície da terra eu preferia morrer solteira a casar-me consigo!

AMARAL Não diga uma coisa dessas, menina Efigénia! Não diga uma coisa dessas, que me mata!

EFIGÉNIA Era o que eu devia fazer: matá-lo, por ter tentado boicotar a minha estreia no Teatro!! Tentou mas não conseguiu! Apesar das suas manigâncias ouviu como o público reconheceu o meu talento. A força com que me aplaudiu no final do número.

AMARAL Não, menina Efigénia... Não ouvi.

EFIGÉNIA Era de prever que me desse essa resposta! Os seus ouvidos negam -se a escutar o sucesso dos outros.

AMARAL Não é isso, menina Efigénia... Acontece que...

EFIGÉNIA Esteja calado! Devia matá-lo, Amaral! E só não o faço porque sou uma pessoa calma e não gosto de confusões e porque tenho fé em Deus. Deus, que tudo vê e tudo sabe, é quem o há de castigar. *(no auge da fúria arranca o toucado das plumas e fica com ele na mão)* Que rica estreia no Teatro tive eu por sua causa, não haja dúvidas!

AMARAL Mas, ó menina Efigénia... Se involuntariamente a prejudiquei peço-lhe perdão!

EFIGÉNIA Cale-se! Tenha vergonha do que fez! E prepare-se para receber o castigo de Deus. Na Sua infinita misericórdia Ele vai mandar uma legião de demónios que o hão de perseguir até ao fim dos seus dias.

AMARAL *(cai de joelhos aos pés de EFIGÉNIA, junta as mãos e implora)* Menina Efigénia, pelo amor desse Deus que evoca, ouça-me um instante!

EFIGÉNIA *(continua embalada na sua fúria)* Os demónios vão perseguir-lo e vão bater-lhe com os seus longos chicotes de couro com pontas de metal. *(com o toucado que segura bate em AMARAL, que acaba por cair ao chão)* Assim! Assim! E assim! *(subitamente cala-se; abre e fecha a boca diversas vezes, como se tentasse falar e não conseguisse, que é afinal o que está a acontecer com ela; depois leva as mãos à garganta; está visivelmente exausta; toda a gritaria que fez anteriormente a deixou exausta; acaba por se ajoelhar no chão ao lado de AMARAL).*

AMARAL *(está muito espantado com tudo aquilo; especialmente com o silêncio que se estabeleceu)* Descanse, menina Efigénia... recupere o fôlego. E enquanto isso, deixe-me explicar-lhe uma coisa: eu seria incapaz de tentar prejudicá-la... até

porque eu... há muito tempo que ando para lhe dizer isto...menina Efigénia, eu... *(abre e fecha a boca diversas vezes, como há pouco fez EFIGÉNIA: ganha coragem)* Menina Efigénia, eu... *(desiste)* Bom, queria dizer-lhe que a culpa do que aconteceu não foi minha. Foi da Amália.

EFIGÉNIA *(que recomeçou a falar, ainda que a custo)* Daquela mulher que vem cá às segundas-feiras limpar a plateia?!

AMARAL Não. Da Amália Rodrigues. Da fadista.

EFIGÉNIA Como é que a Amália Rodrigues, que já morreu há não sei quantos anos, pode ter vindo cá desviar aquele projector dum lado para o outro enquanto eu estava a declamar a “Balada da neve”?

AMARAL Menina Efigénia... quer acredite quer não, a culpada foi ela. Ela e a “Mãe preta”.

EFIGÉNIA Mãe Preta? Não... Não é pessoa das minhas relações.

AMARAL A “Mãe Preta” não é uma pessoa. É o nome duma música que cantava a Amália Rodrigues e de que gosto muito. Gosto tanto que a gravei no meu MP3 e costumo ouvi-la quando estou a afinar projectores. *(tira do bolso o aparelho de que tem estado a falar e os auriculares)* Veja. Como tinha posto os auriculares e estava a escutar a música não consegui ouvir que me estava a chamar. Perdão...

EFIGÉNIA Eu é que tenho de pedir-lhe perdão por ter feito um mau juízo a seu respeito. Afinal o Amaral é um querido. *(aproxima o rosto do dele e beija-o ao de leve nos lábios: AMARAL cai redondo no chão)*

DIRECTOR *(regressa dos bastidores)* E então aqui? *(repara que AMARAL está estendido no chão)* O que está ele a fazer aí deitado no chão? Há algum problema?

AMARAL *(a levantar-se)* Não, nada. Andava à procura duma agulha.

DIRECTOR Ah, bom! Como correram as coisas?

AMARAL Um verdadeiro sucesso, Senhor Director.

DIRECTOR Ainda bem, ainda bem. E parabéns. menina Efigénia, pela sua intervenção!

EFIGÉNIA Muito obrigada, Senhor Director. A sua opinião acerca dos meus dotes artísticos é para mim muito importante.

DIRECTOR (*olha muito espantado para EFIGÉNIA*) A minha opinião acerca dos seus dotes artísticos? Mas quais dotes artísticos?

EFIGÉNIA Os meus. Sei que até hoje o Senhor nunca tinha acreditado no meu talento. Mas eu sabia, eu sentia que dentro de mim havia uma grande Artista prestes a desabrochar. E esta oportunidade que hoje me deu... obrigada, Senhor Director, agradeço-lha reconhecida! faz-me aumentar a confiança nas minhas capacidades e saber que, a partir de agora me posso abalançar aos altos voos para os quais me sinto fadada por mérito próprio.

DIRECTOR (*depois deste discurso ficou ainda mais espantado com o que está a ouvir*) Pois... fico muito contente. É sempre bom que uma jovem tenha confiança em si mesma. Mas que relação tem isso que acaba de me contar com o que foi dizer ao público? Afinal o que disse ao público?

EFIGÉNIA Poesia. Escolhi poesia. Já lhe mostro.

DIRECTOR Escolheu poesia?!

EFIGÉNIA (*vai buscar uma cadeira que coloca na lateral da cena*) Sente-se aqui, Senhor Director, faça favor. (*DIRECTOR executa; EFIGÉNIA coloca-se na outra lateral*) Amaral, consegue orientar-me um projector para aqui?

AMARAL Agora não me dava muito jeito. Já tenho tudo afinado. Mas espere lá... (*vai à mesa da "régie", liga e desliga alguns projectores*) Este serve?

EFIGÉNIA É óptimo.

EFIGÉNIA (*vai colocar-se dentro do foco do projector*) Vou dizer, do grande poeta português Augusto Gil, a “Balada da neve”.

DIRECTOR A ”Balada da neve?!” Mas... mas...?

EFIGÉNIA “Batem leve, levemente / como quem chama por mim. / Será , chuva, será gente? / Gente não é certamente / e a chuva não bate assim. / É talvez a ventania. / Mas há pouco, há pouquinho / nem uma agulha bulia / no pinheiral do caminho. / Fui ver... /”

DIRECTOR (*levanta-se, irritadíssimo*) Acabou!

EFIGÉNIA Não, senhor Director. Ainda não acabou. Ainda faltam mais versos.

DIRECTOR Eu sei que há mais versos. Também conheço essa poesia, O que acabou foi esta palhaçada. Vocês estão os dois a gozar comigo?

AMARAL Nós?

EFIGÉNIA Eu?

DIRECTOR Pois com certeza! Por que é que não fez o que eu lhe mandei?

EFIGÉNIA Então não fiz? Então não me disseram pelo intercomunicador que o público exigia a minha presença no palco? E quando aqui cheguei, o Senhor Director não disse que me dirigisse ao público? Pois foi o que fiz.

DIRECTOR Que se dirigisse ao público para pedir desculpa, em nome da Direcção da Companhia, pelo facto de terem sido convocados para assistir a uma sessão do nosso espectáculo que afinal não estava marcada. Falha essa que é da sua inteira responsabilidade porque é a menina Efigénia quem dirige o Secretariado.

AMARAL (*corrigindo*) A Secretariada, Senhor Director. A Secretariada.

DIRECTOR Ó Amaral, não me chateie!

EFIGÉNIA (*fica uns instantes sem compreender o que o DIRECTOR lhe está a dizer;*

depois) Então foi para isso que me chamaram ao palco?!

DIRECTOR Havia de ser para quê?

EFIGÉNIA É que eu cuidei que quando fui chamada ao palco era porque tinha reconhecido finalmente em mim talento para a representação. E bem merecia esse reconhecimento. Afinal foi para poder fazer carreira no mundo do espectáculo que concorri ao anúncio que publicaram.

DIRECTOR Mas o que o anúncio pedia era alguém que quisesse ocupar-se do Secretariado desta Companhia de Teatro.

EFIGÉNIA Pois foi exactamente isso que me levou a candidatar e depois a aceitar o emprego.

DIRECTOR Não estou a entender... Mas isso, o quê?

EFIGÉNIA Serem uma Companhia de Teatro!

DIRECTOR Está então a dizer que se fôssemos... sei lá! uma Companhia de Camionagem ou uma cadeia de lojas que vendem comida para fora não tinha concorrido.

EFIGÉNIA Com certeza que não. Não sou rica... longe disso! mas ainda me posso ir aguentando a fazer biscates aqui e ali até poder concretizar o meu sonho.

DIRECTOR Sonho esse que consiste em...

EFIGÉNIA Ir para o Teatro. E poder revelar a Actriz que sei estar escondida dentro de mim.

DIRECTOR Ó menina Efigénia, se sabe que há uma Actriz escondida dentro de si e se a quiser encontrar, o melhor é arranjar uma lanterna eléctrica quando for procurá-la... Uma lanterna eléctrica bem forte, menina Efigénia! Porque essa tal Actriz que sabe estar escondida dentro de si pode estar tão bem escondida que ninguém consegue dar por ela.

EFIGÉNIA (*geme, lamentando-se*) Ah, ah! Não me diga uma coisa dessas, Senhor Director!

DIRECTOR Vou fazer-lhe a vontade. Não lhe digo uma coisa destas. Digo-lhe doutras: deixe-se de tretas, volte para o Secretariado e veja se passa a conseguir assentar correctamente as marcações para as sessões do espectáculo, que foi para isso que a contratei.

EFIGÉNIA (*sai de cena a chorar*) Sou tão infeliz! Sou tão infeliz!

DIRECTOR Isto é preciso cá uma paciência! O que me diz a isto, Amaral?

AMARAL O Senhor Director quer mesmo que eu diga? Então digo que foi muito brusco com a menina Efigénia. A moça saiu daqui a chorar, coitada.

DIRECTOR Pois... é possível, mas por vezes uma pessoa passa-se dos carretos, como costuma dizer-se. Entendo que a Efigénia gostasse de ser Actriz. Mas como é que é uma pessoa que declama a “Balada da neve” como nós a ouvimos fazer pode aspirar a algum dia vir a ser Actriz?

AMARAL Sabe, Senhor Director, com a idade as pessoas vão-se modificando...

DIRECTOR Isso é verdade. Mas garanto-lhe, e olhe que já ando nisto há muito tempo, que, em relação à Efigénia nem daqui a cento e cinquenta anos ela poderá vir a ser Actriz.

AMARAL Se o senhor o diz... Mas tive pena dela.

DIRECTOR (*fica a olhar para Amaral*) Ou eu me engano muito ou o Amaral gosta da menina Efigénia.

AMARAL (*faz sinal ao DIRECTOR para que se cale*) Schiu! Esteja calado!

DIRECTOR O Amaral está a mandar-me calar? A mim?! Mas afinal, gosta ou não gosta da Efigénia?

AMARAL Cale-se! Cale-se, por favor! Não me desgrace... (*segura um dos braços*)

do DIRECTOR e leva-o até ao bastidor da Esquerda) Aqui não, que podem ouvir.

DIRECTOR Ouvir o quê?

AMARAL Shiu! *(leva o DIRECTOR até ao bastidor da Direita)* Aqui também não.

(volta com o DIRECTOR ao Centro do palco; olha para a plateia) Ali é mais seguro.

Venha cá. *(conduz o DIRECTOR até ao proscénio e descem a escada que liga o palco à plateia; acabam por sentar-se em duas cadeiras contíguas, entre os espectadores; fala para os que estão mais próximos)* Nada de darem com a língua nos dentes...

DIRECTOR Mas afinal o que se passa?

AMARAL É que ninguém pode saber.

DIRECTOR O quê?

AMARAL Isso.

DIRECTOR Isso, o quê?

Amaral Isso que o Senhor Director sabe.

DIRECTOR E o que é que eu sei?

AMARAL segura a nuca do DIRECTOR e aproxima a sua cara da dele.

DIRECTOR O que se passa, Amaral? Quer dar-me um beijo?

AMARAL faz sinal de que não é disso que se trata. Ajoelha-se e leva o DIRECTOR a ajoelhar-se com ele no chão, no espaço entre a fila onde estavam sentados e a fila da frente.

AMARAL *(diz ao ouvido do DIRECTOR, mas o som é imperceptível)* Ninguém pode saber.

DIRECTOR Não consigo ouvir. Não consigo perceber. Devo estar a ficar surdo.

AMARAL *(agora ainda baixo mas de maneira perceptível)* Ninguém pode saber.

DIRECTOR Ó Amaral, acalme-se! *(volta a sentar-se na cadeira que ocupava;*

AMARAL levanta-se também mas fica de pé, de costas para o palco) Afinal o que é que ninguém pode saber?

AMARAL Que eu gosto da menina Efigénia.

DIRECTOR Era o que eu pensava.

AMARAL Gosto da menina Efigénia desde o primeiro momento em que a vi.

É uma mulher encantadora. Não concorda comigo, Senhor Director?

DIRECTOR É... No seu género é uma... É isso que o Amaral diz.

AMARAL Calma, afável, bonita, nada conflituosa, com um certo jeito para a representação... é claro que está ainda no começo mas há de conseguir. Não acha?

DIRECTOR Sim... é mais ou menos como o Amaral a define. Sabe, para falar da mulher amada, a pessoa mais indicada é aquele que está apaixonado por ela. Neste caso, o Amaral.

AMARAL E estou, Senhor Director. Muito apaixonado. O meu sonho é podermos viver os dois juntinhos...

DIRECTOR (*interrompe-o, cantando*) “...numa casinha modesta / onde a vida corra calma / e os nossos peitos em flor / os nossos peitos em flor / pareçam uma só alma.”

AMARAL Que é isso que está a cantar?

DIRECTOR São versos de uma canção muito popular durante o regime da ditadura de direita do Estado Novo em Portugal.

AMARAL Ah, já não é do meu tempo. Nasci muito depois do 25 de Abril de 74.

DIRECTOR Sorte a sua. E a Efigénia o que pensa disso?

AMARAL Do 25 de Abril?

DIRECTOR Não. Desse seu sonho de “viverem os dois juntinhos”, como

disse há pouco?

AMARAL Não sei. Nunca lhe contei o sonho.

DIRECTOR Então está à espera de quê?

AMARAL Acha que devia...?

DIRECTOR Pois com certeza. A Efigénia tem todas essas qualidades que vê nela, mas há uma que lhe garanto que não tem...

AMARAL Qual?

DIRECTOR Não é vidente. E como não é vidente, não pode adivinhar. Vá falar com ela. Confesse-lhe que a ama.

AMARAL E se a menina Efigénia me repudiar? O que vai ser de mim?

DIRECTOR Bom, vamos voltar para o palco. (*abandonam a fila onde se sentaram; aos espectadores que estão sentados na mesma fila*) Deem-nos licença. Obrigado.

AMARAL e o DIRECTOR sobem ao palco.

AMARAL Muito obrigado senhor Director, ter-lhe contado isto tirou-me um grande peso de cima.

DIRECTOR Acredito. Mas não era a mim que devia ter contado.

AMARAL Era então a quem?

DIRECTOR À Efigénia, homem! A quem haveria de ser?

AMARAL Já tentei mas... não sou capaz. (*sai para os bastidores*)

DIRECTOR (*para o público*) Aproveito para... não se assustem que não vou dizer a “Balada da neve”. Vou pedir-vos desculpa por terem sido, por lapso, chamados a assistir a uma sessão do nosso espectáculo... sessão essa que afinal não existia. Como já verificaram, hoje não há espectáculo. As nossas desculpas. Bom... espero que nos voltemos a encontrar noutra dia. Enfim, num dia normal. Se quiserem, se isso lhes der prazer, podem permanecer por

aí. Estejam à vontade. Nós vamos continuar aqui na nossa lida. Isto, no Teatro, o trabalho nunca acaba. (*fica uns instantes a pensar; depois sorri*) É uma ideia! E por que não, e por que não? Se é por uma boa causa...

DIRECTOR (*chama para fora, para a lateral por onde saiu AMARAL*) Amaral!

AMARAL (*fora*) Senhor Director?

DIRECTOR Esqueci-me de perguntar-lhe uma coisa.

AMARAL É só um instante! (*entra em cena*) Estava ali a separar uns projectores para guardar no armazém. Faça favor.

DIRECTOR Queria perguntar-lhe uma coisa... (*fica a olhar para AMARAL*) O Amaral é ciumento?

AMARAL Como?!

DIRECTOR Se soubesse que outro homem cortejava a menina Efigénia, a sua noiva...

AMARAL Mas não é.

DIRECTOR Não é por enquanto. Mas é muito bem capaz de vir a ser muito brevemente.

AMARAL Deus o ouça.

DIRECTOR Ámen.

AMARAL O Senhor Director desculpe, mas foi para perguntar se sou ciumento que me chamou?

DIRECTOR Claro que não. Isso foi uma coisa que me ocorreu entretanto. Sabe, sou muito curioso... gosto de saber tudo. Chamei-o porque queria pedir-lhe um grande favor. Bom, o caso é este: ando há tempos a pensar remontar uma peça que escrevi, e que também interpretei, aqui para a Companhia. Foi um grande êxito nosso. É ideal para fazermos digressão porque só tem três Actores, porque a acção se passa sempre no mesmo

cenário e porque, além do mais, à época, o público gostou muito da peça. Chama-se “O castelo fantasma” e conta a história...

AMARAL Da antiga Feira Popular de Lisboa, é claro.

DIRECTOR Não. Mas porque haveria de contar a história da antiga Feira Popular de Lisboa?

AMARAL Sabe que me lembro muito bem? O meu pai costumava levar-me lá quando eu era miúdo. Sei como era o “Castelo Fantasma” e outros divertimentos do mesmo género... a “Selva” e o “Comboio Fantasma”, por exemplo: entrávamos num carrinho para duas pessoas, que seguia por um sítio todo às escuras onde apareciam figuras para fazer medo à gente. Na “Selva” eram gorilas que nos tentavam agarrar, ou crocodilos gigantes que abriam as bocarras para nos comer, no “Comboio Fantasma” e no “Castelo Fantasma” o que aparecia eram mortos-vivos, o Drácula, bruxas, fantasmas. Eu ia sempre aos gritos, muito agarrado ao meu pai. Mas gostava daquilo.

DIRECTOR Não, Amaral. O castelo fantasma que dá o nome à peça nada tem a ver com os divertimentos da antiga Feira Popular de Lisboa.

AMARAL Ah, não?

DIRECTOR Não. Mas estava eu a dizer que decidi remontar a peça e que tinha resolvido começar hoje os trabalhos. Como não havia espectáculo o palco ficava livre. Mas depois aconteceu esta confusão...

AMARAL Agora já está tudo esclarecido, Senhor Director. E tem o palco ao dispor.

DIRECTOR É verdade. Mas surgiram outros obstáculos a impedir o início dos trabalhos: o contra regra, que eu precisava de ter cá para me fazer a implantação de cena e procurar no armazém uns móveis e a caixa onde guardámos os adereços, foi à terra porque a mãe caiu quando andava a

plantar alfaces e partiu uma perna e o hospital que serve a zona só pode ocupar-se dela daqui a dois anos... e é se puder! Porque a Secção de Ortopedia tem estado encerrada por falta de médico. Pois decidi ir ver a mãe e procurar um clínico que o tratou em miúdo, a saber se conseguiria arranjar uma cunha para... Bom, mas isso são outras questões. O ponto é que o contra regra não está no teatro. E a Colega que fazia a peça comigo, e que vai voltar a ocupar-se do papel, também não. Está de férias até ao fim do mês. E uma vez que assim é...

AMARAL Uma vez que assim é, o início dos trabalhos de remontagem do “Castelo fantasma” terá que ser adiado.

DIRECTOR Mas eu não quero que seja. Sabe, Amaral... sou muito supersticioso. Tinha escolhido a data de hoje porque, se somarmos o número correspondente ao dia com o número que indica o mês e multiplicarmos pelos dois algarismos finais do ano obtemos um múltiplo de 27. Ora essa conjuntura benéfica só virá a repetir-se daqui a... Bom, mas isto não pode interessá-lo. E a mim o que interessa é que, por via dessa conjuntura benéfica - e imperdível como dizem nos anúncios da televisão, quando nos querem impingir produtos de que que não necessitamos - os trabalhos sejam iniciados hoje, mesmo que a partir de amanhã tenham que ficar uns tempos parados, à espera de melhor oportunidade. E é por isso que pergunto ao Amaral se me poderia ajudar.

AMARAL Com todo o gosto.

DIRECTOR Agradecido. O favor é o seguinte: o Amaral é técnico de som e luz e não contra regra, mas creio que, se eu lhe facultar o caderno de encenação do “Castelo fantasma” será capaz de fazer no palco a implantação de cena, ou seja, colocar no chão uns sarrafos a marcar a posição das paredes

e os locais das entradas e saídas e trazer do armazém umas coisas que lhe vou indicar.

AMARAL Pois penso que sim.

DIRECTOR Além de que... sabe, fiquei a pensar nisso que disse de eu ter sido um bocado rude nas minhas críticas à Efigénia... e dou-lhe razão. Que me diz se lhe pedíssemos que se juntasse a nós para ajudar neste projecto?

AMARAL Parece-me muito bem. Mas a fazer o quê?

DIRECTOR Conte-lhe há pouco que a Colega que vai voltar a fazer a peça comigo está de férias. Ora eu necessito rever marcações, recordar texto... Por que não pedir à Efigénia que ocupe temporariamente o lugar dela? Para além de que seria mais uma oportunidade para estar junto de si, Amaral. Para ver se consegue finalmente decidir-se a confessar-lhe que a ama.

AMARAL Isso é que não sei se conseguirei...

DIRECTOR Depois se verá. Agora, se não se importa, peça aí pelo intercomunicador à Efigénia que venha ao palco.

AMARAL desce à plateia e dirige-se à mesa de “régie”.

AMARAL *(voz através do intercomunicador)* Menina Efigénia. Atenção menina Efigénia, o Senhor Director pede a sua comparência no palco. *(volta a juntar-se ao DIRECTOR)*

DIRECTOR Enquanto ela não chega o Amaral podia ir ao armazém procurar na secção dos adereços uma caixa de cartão que tem escrito por fora “Castelo fantasma” e trazê-la para aqui.

AMARAL Com certeza, Senhor Director.

DIRECTOR Aqueles adereços que estão na caixa são magníficos e tenho-os conservado com o maior cuidado. Considero-os verdadeiras obras de Arte...

no seu ramo, é claro. São, na maior parte, pratos e copos metálicos com um aspecto antigo e rico, como se requer num qualquer castelo medieval que se preze, mas que foram trabalhados a partir de vulgaríssimos pratos e copos de latão, tipo três ao vintém, como se costuma dizer. O Artista conseguiu envelhecer, sujar, encher de pó e de lixo aquela baixela... chamemos-lhe assim! Do velho castelo, empoeirado e decrépito. Se houvesse em Portugal um museu de objectos de cena, pode crer que estariam lá expostos e em lugar de grande destaque. Muito cuidado com eles!

Do bastidor surge EFIGÉNIA; já não está vestida como anteriormente, ou seja já não está vestida para a cena; traja com normalidade; isto, tendo em conta o que será 'normalidade' para a EFIGÉNIA; o Figurinista decidirá.

EFIGÉNIA O Senhor Director chamou?

DIRECTOR Chamei, sim. (*para AMARAL*) Enquanto ponho a menina Efigénia a par do nosso projecto pode aproveitar para ir ao armazém buscar a caixa com os adereços. O maior cuidado com eles!

AMARAL sai.

DIRECTOR Menina Efigénia, pedi ao Amaral que substituísse hoje o nosso contra regra e dispusesse a implantação de cena de uma peça que eu vou remontar. E agora peço-lhe a si se estaria também disposta a colaborar.

EFIGÉNIA Com certeza. Eu, desde que seja Teatro estou sempre pronta. Mas a fazer o quê?

DIRECTOR Para começar, a ajudar o Amaral nas diversas tarefas que ele tiver que executar. Não seria também mau passar uma esfregona no palco, que está porquíssimo. Peço desculpa por estar a pedir isto, mas a Amália só vem

na segunda-feira. O carrinho com os materiais de limpeza está mesmo aí fora, daquele lado... ainda há pouco passei por ele.

EFIGÉNIA (*que tem estado muito espantada a ouvir o que lhe diz o DIRECTOR*) Mas então o Senhor Director está a pedir-me que substitua a mulher da limpeza?!

DIRECTOR Não! De modo nenhum! Isso de limpar o chão do palco era só se calhasse, se desse jeito... O que lhe peço é que substitua a minha Colega que fez a peça quando ela foi estreada.

EFIGÉNIA (*está perplexa*) Eu? Mas... a senhora morreu?

DIRECTOR Quem é que morreu?

EFIGÉNIA Essa Senhora. A Artista que representou a peça com o Senhor Director.

DIRECTOR Não morreu nada.

EFIGÉNIA Então não percebo. Se não morreu por que não volta a fazer a peça?

DIRECTOR Porque não está cá.

EFIGÉNIA Mudou para outra Companhia...

DIRECTOR Não mudou nada. Continua connosco.

EFIGÉNIA Continua mas zangou-se consigo? Já não está para a aturá-lo. É isso? Como eu a compreendo!

DIRECTOR Devo estar a explicar-me mal. Quando lhe proponho substituir a Artista, não é para fazer a peça comigo no teatro.

EFIGÉNIA Então é para fazer aonde? Na cozinha? Na casa de banho?

DIRECTOR Não, menina Efigénia. O que lhe peço é que hoje, assim como o Amaral me vai ajudar a fazer a implantação de cena, a ir buscar os adereços e os móveis necessários para este primeiro ensaio, a menina ocupe na cena os lugares que a minha Colega deverá ocupar durante a representação. Para eu

poder ter uma referência.

EFIGÉNIA Ah... agora já percebi. Quer-me usar como tarefaira e depois adeus ó vais-te embora. Sabe que por momentos cheguei a pensar... Mas é claro que não podia ser! E não podia ser porque eu sei qual é a sua opinião acerca das minhas potencialidades artísticas. Para si eu não valho nada. Para si, os meus sonhos de fazer carreira no Teatro nunca serão realizados! Para si, só sirvo para registar as reservas para os espectáculos e agora também para lavar o chão do palco! Para si eu devia reduzir-me à minha insignificância. Como se diz na letra daquela cantiga (*dança e canta diante dele*): “Quem nasceu para lagartixa / nunca chega a jacaré. / Há muitos que querem sê-lo mas não sabem como é. / Quem nasceu para lagartixa / nunca chega a jacaré. / Há muitos que querem sê-lo / mas não sabem como é”. É assim ou não é, Senhor Director? Pois sabe o que lhe digo?

DIRECTOR Não aceita.

EFIGÉNIA Aceito, pois!

DIRECTOR fica a olhá-la muito espantado.

EFIGÉNIA E sabe por quê? Porque gosto de ser feliz. E porque, quanto mais tempo estiver no palco, seja lá a fazer o que fôr, mais feliz me sinto.

AMARAL volta com a caixa que contém os adereços.

DIRECTOR (*vai verificar o rótulo da caixa*) “Castelo fantasma”. Está certo. Vou ao meu camarim buscar o caderno de encenação da peça. Entretanto podem ir tirando os adereços da caixa. (*sai*)

AMARAL Vou então buscar uns sarrafos para fazer a implantação de cena.

EFIGÉNIA Não se canse, Amaral. Eu sei onde estão.

AMARAL Onde estão?! Mas onde estão o quê?

EFIGÊNIA As plantas que são de cena.

AMARAL Como?

EFIGÊNIA sai e volta daí a instantes com dois vasos com arbustos.

EFIGÊNIA Vê? Estas plantas já estiveram aqui no palco naquela peça... não me lembro como se chamava... Quando a peça acabou levaram-nas para o corredor dos camarins, não sei por quê.

AMARAL *(que não sabe o que lhe há de dizer)* Muito obrigado, menina Efigénia...

Pois... As plantas que são de cena pode deixá-las aí... em cena, em qualquer sítio, que sempre alegam o ambiente. Agora, para fazer a implantação de cena, o melhor será eu ir procurar uns sarrafos. Entretanto pode ir desempacotando os adereços. *(sai)*

EFIGÊNIA Mas então... Há aqui qualquer coisa que me está a escapar. *(vai colocar os vasos no chão)* E agora, se o patrão quer que se passe a esfregona no chão, passe-se a esfregona no chão. Não será por isso que me hão de cair os parentes na lama. *(sai por uma das laterais do palco e regressa imediatamente empurrando um carrinho de supermercado com diversos produtos de limpeza, um balde com uma esfregona e um outro balde que contém lixo que não despejaram; estaciona o carrinho junto a uma das laterais, retira o balde com o lixo)* Mas então... não despejaram o lixo? *(coloca o balde no chão)* E agora, ao trabalho. *(pega num pano, tipo pano de pó que está no carrinho, dobra-o em triângulo e ata-o à cabeça)* Pareço mesmo uma lavadeira de Caneças! *(retira do carrinho o balde com a esfregona e começa a passá-la pelo chão, enquanto canta)* “Água fria / da ribeira / água fria que o sol aqueceu. / Ver a aldeia / trás à ideia / roupa branca que a gente estendeu: / Três camisas / um avental / sete fronhas e um lençol / dois corpetes / um

enxoval / que a freguesa deu ao rol” (*acaba as limpezas e desce ao proscénio cantando e dançando*) “Três camisas / um avental / sete fronhas e um lençol / dois corpetes / um enxoval / que a freguesa deu ao rol. / ”. (*quando acaba o número fica à espera de aplausos*)

Se houver aplausos dirá “A Artista agradece”; se não houver dirá “Umás palminbas é que agora vinham mesmo a calhar”. Num caso ou noutro “Obrigada! Obrigada!”

NOTA: os versos acima pertencem a uma canção incluída no filme português “Aldeia da roupa branca”.

EFIGÉNIA (*volta para o centro de cena e retira o pano que atara à cabeça*) E agora... Ah, os adereços. (*pega na caixa que AMARAL foi buscar ao armazém; abre-a; retira um dos objectos; espanta-se com o aspecto dele*) Ele há gente muito porca! Aquela deixou o balde cheio de lixo e aqui arrumaram os tais adereços sem os limpar primeiro. (*segura um dos adereços e observa-o*) Olha para isto! Tudo cheio de pó, tudo sujo. (*verifica o que se passa com outros objectos que estão dentro da caixa*) Tudo na mesma. Como é que uma coisa destas, neste estado, pode fazer vista em cena? Felizmente estou cá eu. (*vai ao carrinho que tem os produtos de limpeza e procura o que precisa*) Ora... limpa metais... onde estás tu, limpa metais? (*retira uma embalagem, tipo “spray”; pega num pano, senta-se e começa a tirar a sujidade dos objectos*) Assim sim! Assim até dá gosto!

AMARAL (*entra com sarrafos e fica muito espantado a olhar EFIGÉNIA*) O que está a fazer?

EFIGÉNIA A tentar limpar esta porcaria. Mas não é preciso agradecerem-me. Faço-o da melhor vontade.

AMARAL (*grita, deixa cair os sarrafos ao chão e tropeça neles quando ia ter com EFIGÉNIA; cai; levanta-se*) Quantos é que já limpou?

EFIGÉNIA Só dois. Mas vou continuar.

AMARAL Não! De modo nenhum! Mas é que nem pensar! Ai, coitado do Senhor Director! Coitado do Senhor Director!

EFIGÉNIA Mas o que é que aconteceu ao Senhor Director?

AMARAL Nada. Para já não aconteceu nada!

EFIGÉNIA Mas então, se não aconteceu nada, por que é que está aos gritos a dizer coitado do Senhor Director, coitado do Senhor Director?

AMARAL Eu depois explico. Com mais tempo, eu explico. Para já, o que é urgente é remediarmos isto.

EFIGÉNIA Mas isto, o quê?

AMARAL *(tem uma ideia)* Veja aí no carrinho se há um bidão de cola.

EFIGÉNIA *(vai ao carrinho)* Cola... cola. Está aqui. *(leva o bidão a AMARAL)*

AMARAL *(despeja cola sobre os dois objectos que EFIGÉNIA limpava; pega depois no balde do lixo e lança o conteúdo por cima da cola; olha para o que fez)* Assim já está mais apresentável! Assim talvez passe. Talvez o Senhor Director não dê por nada... E agora “longe da vista, longe do pensamento”, como costuma dizer-se. *(mete os dois objectos que emporcalhou dentro da caixa, fecha-a e leva-a para bastidores)* A menina mata-me!

DIRECTOR *(entra com o caderno de encenação)* Ora aqui está. Ah, já arranjou sarrafos para fazermos a implantação... Muito bem, muito bem. Pois como lhe disse, isto é fácil: há uma parede atrainelada aí ao fundo. Deixe cá ver... *(observa no caderno)* Começa a três metros da linha do proscénio, aqui à Esquerda e desce, na Direita, a dois. *(vão medindo com passos e AMARAL coloca sarrafos no chão)*. Deste lado *(esquerda)* há outra parede, que fica na vertical da do Fundo, e onde há uma porta. Venha ver. *(AMARAL vai observar o caderno e continua a implantação)* Na parede do Fundo há uma janela a mais ou menos

um metro e meio da Direita. Marcamo-la com dois bancos (*AMARAL executa*) E é tudo. Para hoje não são ainda necessários os adereços.

AMARAL Que sorte, ah, Senhor Director!

DIRECTOR Que sorte por quê, Amaral?

AMARAL Por não serem ainda necessários.

DIRECTOR (*não entende*) Então e se fossem?

AMARAL Se fossem é que era pior.

DIRECTOR Por quê?

AMARAL É que a cola não teve ainda tempo de secar. Talvez amanhã já seja possível...

DIRECTOR (*está muito espantado a olhar para ele*) Ó Amaral, você sente-se bem?

AMARAL Eu? Por que pergunta, Senhor Director?

DIRECTOR É porque você não diz coisa com coisa. Bom mas vamos ao trabalho. Antes de mais, a acção da peça decorre num castelo medieval muito antigo, quase em ruínas, cheio de poeira e lixo, onde vive uma senhora nobre, a castelã, a quem, há muitos anos tinha morrido o marido, que era um bravo cavaleiro que lutava nas cruzadas contra os mouros. O cavaleiro tinha ficado muito ferido, quase moribundo, numa batalha e os pajens puseram-no numa padiola e levaram-no para o castelo para a senhora cuidar dele. O que ela fez com o maior desvelo porque, além de ser uma esposa dedicada era também uma excelente enfermeira. E assim prodigalizou ao doente, melhor dizendo, ao moribundo, os maiores cuidados. Mas não conseguiu evitar a morte do marido. Antes do seu trespasse...

EFIGÉNIA Ah, trespassaram então o castelo... E foi para o mesmo ramo ou para instalar ali uma “pizzaria” que é uma coisa que agora está muito na moda? E é um bom negócio! Quem tiver dinheiro para empatar, que

aproveite.

DIRECTOR Quando falei em trespasse não me estava a referir a nenhuma “pizzaria”. Quando disse trespasse referia-me à morte.

EFIGÉNIA Ah, trespasaram então o castelo para ser lá instalada uma agência funerária. Também é um negócio muito rentável.

DIRECTOR O trespasse a que me estava a referir é à morte do marido.

EFIGÉNIA Pois... coitado. Mas é o fim que nos espera a todos. A morte é a coisa mais certa que temos na vida.

DIRECTOR Mas dizia eu que antes do seu trespasse...

EFIGÉNIA Ah, ele morreu de trespasse. É uma doença terrível! Tem havido ultimamente tantos avanços na Medicina, mas parece que ninguém consegue encontrar a cura para esse mal. Enfim, estamos todos nas mãos de Deus, é o que é.

AMARAL Ó menina Efigénia, deixe o Senhor Director acabar de contar a peça.

EFIGÉNIA E eu estou a impedi-lo? Tudo o que pergunto é porque quero entender correctamente o enredo.

DIRECTOR Pois antes do trespasse do marido...

EFIGÉNIA Do viúvo.

DIRECTOR Como do viúvo?

EFIGÉNIA Então não disse que ele ia morrer?

DIRECTOR E vai.

EFIGÉNIA Então, se vai morrer, fica viúvo.

DIRECTOR Digamos que não é bem isso... Mas o que interessa é que à hora da morte ele consegue soerguer-se um pouco da sua “chaise longue” que tinha sido o local escolhido pela castelã para que o marido pudesse repousar.

AMARAL Mas então ele estava deitado numa “chaise longue”?

DIRECTOR Qual é o espanto?

AMARAL Mas como é que havia uma “chaise longue” num castelo medieval?

DIRECTOR O castelo era medieval, mas o cavaleiro era muito rico. Era muito rico e gostava de coleccionar mobiliário antigo: lá no castelo tinham, além da “chaise longue”, uma mobília de sala de jantar Luís XIV e um quarto Pompadour. Isto, para além doutros móveis mais simples que tinha comprado no IKEA e se destinavam aos quartos dos criados.

EFIGÉNIA São tão baratos e fazem sempre tanto arranjo numa casa!

DIRECTOR Mas, para continuarmos vamos precisar da “chaise longue” ou de qualquer outro móvel do mesmo género. É que é lá que se passa grande parte da acção.

AMARAL Há uma aqui, no bastidor da Direita.

DIRECTOR Tem razão. Isto se entretanto não a mudaram de sítio. O encarregado do armazém tem a mania das arrumações...

AMARAL Ainda há instantes lá estava,

DIRECTOR Então, Amaral, se fosse possível...A menina Efigénia dá-lhe uma ajuda. Importam-se?

AMARAL Vamos já buscá-la Senhor Director.

EFIGÉNIA Vamos lá.

AMARAL e EFIGÉNIA saem para o bastidor e regressam daí a instantes carregando uma “chaise longue”; entretanto o DIRECTOR verifica no seu caderno de encenação qual a posição que o móvel deve ocupar em cena.

DIRECTOR Aqui, perto da janela. Perto da janela, para que o enfermo possa receber a brisa fresca que vem do exterior e encontrar nisso algum alívio para

o seu sofrimento.

AMARAL e EFIGÉNIA colocam o móvel no local indicado pelo DIRECTOR.

DIRECTOR Muito bem. Mas, esperem lá... é ao contrário: a cabeceira tem que ficar daquele lado.

AMARAL e EFIGÉNIA executam.

DIRECTOR Agora é que está certo. Dizia então que ele se soergue um pouco, a muito custo, da “chaise longue”... Mas prefiro exemplificar-vos a cena. E uma vez que a menina Etelvina teve a bondade de se prontificar a ajudar nesta remontagem, e a ocupar o lugar da Actriz sempre que isso fosse necessário e enquanto ela não está disponível...importa-se? (*vai deitar-se na “chaise” a fazer de cavaleiro e faz sinal a Efigénia para que se junte a ele*)

EFIGÉNIA Com o maior prazer, Senhor Director. Todo o tempo que passar no palco e tudo o que possa aprender.

DIRECTOR Sente-se então aí, faça favor e abrace-me.

EFIGÉNIA executa.

DIRECTOR Mais perto. E abrace-me com mais força. Lembre-se que me ama e que eu vou morrer.

EFIGÉNIA Longe vá o agoiro! Espero que isso só aconteça daqui a muitos anos.

DIRECTOR Também eu. Mas por ora estamos no Teatro, no reino do faz de conta.

EFIGÉNIA executa o que o DIRECTOR propôs.

DIRECTOR Ainda me recordo bastante bem do papel. *(inicia a representação)*
Adeus, minha querida. Vou deixar-te. Estou muito ferido e sei que este meu pobre corpo não vai poder recuperar. Mas juro-te... pela saúde da minha mãezinha que é a velhinha que mais adoro neste mundo *(arfa e tosse)*... agora que já morreu é a velhinha que mais adoro no outro mundo... que é onde estarei muito em breve *(tosse)*. Mas juro-te, meu amor, que voltarei para junto de ti. Vivo ou morto, vivo ou morto, hei de voltar a ver-te ainda uma vez. *(volta a arfar e a tossir)* E agora um último beijo, estrela da minha vida... *(aproxima os lábios dos de EFIGÉNIA e beijam-se longamente)*

EFIGÉNIA *suspira*. DIRECTOR e EFIGÉNIA *levantam-se da "chaise"*.

DIRECTOR Então o Amaral que diz? Está a gostar?

AMARAL *não responde e afasta-se um pouco; está visivelmente desagradado*.

NOTA: *A frase "Vivo ou morto, vivo ou morto, hei de voltar a ver-te ainda uma vez" é decalcada numa outra incluída em Frei Luís de Sousa de Almeida Garrett.*

DIRECTOR Esta cena acaba com a morte do senhor do castelo. *(volta a pegar no caderno de encenação e folheia-o)* Depois... a viúva fica inconsolável com a morte do marido e vagueia, sem rumo, pelos corredores do castelo.

EFIGÉNIA *começa a dar grandes voltas em cena emitindo um som que se assemelha a um uivo*.

DIRECTOR O que está a fazer, menina Efigénia?

EFIGÉNIA *(para)* Cuidei que o Senhor Director quisesse que eu ilustrasse a cena... "a viúva fica inconsolável com a morte do marido e vagueia, sem

rumo, pelos corredores do castelo”, não foi o que disse? Foi por isso que... Mas se calhar não fui convincente... talvez com um daqueles chapéus muito compridos, pontiagudo, que costumam usar as princesas antigas ficasse melhor. Quer que vá buscar um ao guarda-roupa e depois então... (*torna a dar voltas na cena e a uivar*).

DIRECTOR Pronto, menina Efigénia, não se esteja a cansar. Isto é só um primeiro ensaio.

EFIGÉNIA Com certeza, Senhor Director. O Senhor Director é quem manda. Mas é mais ou menos assim como eu fiz, não é?

DIRECTOR É... é mais ou menos. Depois, com uns ensaios a coisa acaba por ir ao lugar.

EFIGÉNIA Fico tão contente com as suas palavras de apreço pelo meu trabalho!

DIRECTOR Continuando... Depois da morte do marido a pobre senhora não abandona o leito... ou antes, a “chaise longue” onde o defunto exalou o último suspiro. E é lá que dorme... sempre que os seus nervos, esfrangalhados pelo desgosto lho permitem. O que raramente acontece, pobre dela! Além de que não consegue esquecer aquelas palavras proféticas “Vivo ou morto, vivo ou morto, hei de voltar a ver-te ainda uma vez!” Ora acontece que numa dada noite, tinha ela conseguido conciliar por instantes o sono, acorda sobressaltada e vê, enquadrado no caixilho da janela, um vulto branco... Aqui entra o outro Colega que fez a peça comigo e que também cá não está hoje. Mas não importa... vou eu fazer o lugar dele, para explicar como é a cena. Menina Efigénia, importa-se de vir para a cama, quero eu dizer, para a “chaise”. Isso. Deite-se aí. Volta a ser a castelã.

EFIGÉNIA (*executa*) E arfo e tusso, como faz o Senhor Director quando está

aqui deitado?

DIRECTOR Não, não, isso não é preciso. Deixe-se só estar aí deitada. Agora o que fazia jeito eram os dois lençóis, mas estão com certeza no guarda-roupa.

EFIGÉNIA Se é por minha causa não se preocupe, Senhor Director, que eu estou confortável assim. Além de que não está frio nenhum.

DIRECTOR Não é isso. É que agora entra em cena o fantasma, que é a tal figura de que se ocupa o meu Colega. Para ele é que são precisos os dois lençóis.

EFIGÉNIA É friorento. Mas então, se assim é, em vez dos lençóis que não aquecem nada, era melhor usar-se um cobertorzinho que sempre aconchega mais.

DIRECTOR Os dois lençóis era o que usávamos para simular o fantasma. Eram cosidos a toda a volta... menos no lado dos pés, é claro, para o fantasma não dar um valente trambolhão, bater com a cabeça e depois é que eram elas!

EFIGÉNIA Pois claro. Até podia morrer outra vez e assim, em vez duma alma penada passava a haver duas em cena...

DIRECTOR Se se pudesse arranjar por aí um pano branco muito grande...

EFIGÉNIA Só se o Senhor Director quiser usar o piano...

DIRECTOR Ó menina, eu não sei tocar. E depois a peça não tem acompanhamento musical.

EFIGÉNIA Quando falei no piano não era para tocar.

DIRECTOR Era então para quê?

EFIGÉNIA A tapar o piano há um pano branco muito grande para protegê-lo da humidade. Talvez sirva.

DIRECTOR Boa ideia.

EFIGÉNIA Vou aqui ao lado buscá-lo. (*levanta-se da “chaise”, sai para bastidores e regressa com a capa que cobre o piano; entrega-a ao DIRECTOR*) Serve?

DIRECTOR Perfeito. (*veste-se de fantasma; aqui o Figurinista terá que tratar o pano branco de modo a servir para o efeito; o rosto do fantasma deve ficar visível - talvez abrir em cima uma parte da costura para que o Actor lá possa enfiar a cabeça*). Continuando: dizia então que a infeliz senhora acorda sobressaltada e vê, enquadrado no caixilho da janela, um vulto branco que cuida ser o defunto que veio cumprir a promessa que lhe fizera. A entrada do fantasma é por aqui. (*sobe a um dos bancos que marca a janela e agita os braços*) Ó menina Efigénia, se não se importa pegue aí no caderno e leia a fala de cima...

EFIGÉNIA (*lendo*) Cumpriste a tua promessa, luz da minha vida! Vem a meus braços.

DIRECTOR (*salta do banco que representa a janela e aproxima-se de EFIGÉNIA; enlaçam-se e beijam-se longamente nos lábios*) Não desejo eu outra coisa!

AMARAL (*aos gritos*) Acabou!

DIRECTOR Não acabou nada. Ainda me falta explicar muita intriga: afinal o fantasma era o proprietário doutro castelo que se tinha apaixonado pela viúva e que...

AMARAL Não me interessa saber! Acabou!

EFIGÉNIA Amaral... o que é lhe deu?

AMARAL A senhor tem estado a gozar comigo!

DIRECTOR Eu?!

AMARAL Com certeza! Por que é que se põe aos beijos à menina Efigénia?

EFIGÉNIA É da peça.

AMARAL Quero lá saber se é ou deixa de ser? Não quero isso! Não lho consinto! O senhor sabe muito bem que eu amo a Efigénia!

DIRECTOR Finalmente! Custou, mas foi!

EFIGÉNIA O quê? Diga lá isso outra vez.

AMARAL fica calado a olhar para ela.

DIRECTOR Diga, diga...

AMARAL Amo-a, menina Efigénia, desde o primeiro momento em que a vi.

EFIGÉNIA E por que não mo disse há mais tempo? *(avança para ele e beijam-se)*

Entretanto DIRECTOR tirou o traje de fantasma.

EFIGÉNIA Sei que iremos ser muito felizes. O meu sonho sempre foi casar vestida de branco. *(pega no pano que serviu para fazer o fantasma o coloca-o sobre a cabeça, como se se tratasse dum véu de noiva)*

EFIGÉNIA e AMARAL avançam de mãos dadas para o Fundo e voltam-se para o público. Começam a ouvir-se os acordes da “Marcha nupcial”. Os dois avançam lentamente em direcção ao público.

DIRECTOR *(lança punhados de arroz sobre EFIGÉNIA e AMARAL)* Vivam os noivos! Vivam os noivos! *(desce ao proscénio a falar com o público)* E pronto, por hoje é tudo. Como escrevia o Shakespeare, que nestas coisas de peças de teatro sabia mais a dormir do que nós todos acordados, “tudo está bem quando acaba bem”. Lamento não termos podido mostrar-vos hoje o nosso espectáculo, mas fica para uma próxima ocasião. Foi um prazer estar convosco!

FIM

CARLOS CABRAL

Licenciado em Geologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Curso de “Régie et Mise-en-Scène” da École Supérieure d’Art de Strasbourg (França), de 1966 a 1969.

Foi assistente do então diretor dessa escola, Pierre Lefèvre, em 1969-1970.

Ex-bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do extinto Instituto de Alta Cultura.

Professor Adjunto da Escola Superior de Teatro e Cinema desde 1973 e durante 28 anos.

Aí criou e dirigiu, com a colaboração da Dr.ª Conceição Mendes, o Curso de Produção do Departamento de Teatro.

Tem lecionado regularmente no Curso Profissional de Teatro do Conservatório das Artes da Madeira.

Foi monitor de diversos cursos de formação teatral promovidos pela Fundação INATEL.

Estreou-se como ator profissional em 1957, sob a direção de António Pedro, em *A promessa* de Bernardo Santareno, pelo Teatro Experimental do Porto.

Após passagem por diversas companhias integrou o elenco do Teatro Nacional D. Maria II, desde a sua reabertura e até 2001, enquanto nele existiu uma companhia residente.

Dirigiu, no espectáculo inaugural deste teatro, o texto atribuído a Gil Vicente *Auto da Geração Humana*.

Como encenador colaborou com grupos de teatro de empresas e grupos universitários de teatro, tendo dirigido espectáculos no Teatro Experimental do Porto, Teatro da Trindade, Teatro Municipal de São Luís, Teatro Municipal Maria Matos, Teatros Municipais de Santo António e Baltazar Dias, no Funchal, e no Teatro Nacional D. Maria II.

Foi fundador e diretor de diversos projetos de dinamização teatral dirigidos a um público estudantil.

Entre 1991 e 1993, em conjunto com o então Diretor Artístico do Teatro da Trindade, José Carlos Barros, fundou e dirigiu na Sala Estúdio daquele Teatro o ciclo *Peças inéditas portuguesas para 4 atores*, projeto distinguido e premiado pela SPA (Sociedade Portuguesa de Autores).

Foi co-fundador dos grupos “Pequeno teatro” e “Lídia, a mulher tatuada”.

Autor de diversas peças teatrais para cena, destinadas tanto a um público adulto como infantil, foi colaborador assíduo da RDP (Radiodifusão Portuguesa) na rubrica de teatro (programas 1, 2 e Internacional).

Em 1992 o seu texto *Regressos* foi premiado com menção honrosa no Concurso de Originais Portugueses promovido pela Fundação INATEL.

Em 1993 o seu original para rádio *Acredita na magia negra* foi selecionado para representar Portugal no “Mishoie International Award Audio Contest” do Japão.

Em 2009 o seu conto *Depoimentos e acarações* obteve o primeiro prémio no concurso organizado pela Fundação INATEL.

No cinema participou nos elencos de diversos filmes, sendo de destacar *A confederação* de Luís Galvão Teles e *Inês de Portugal* de José Carlos Oliveira.

